



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

MARIA DO SOCORRO DE LUCENA SILVA

**LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO INICIAL DO DOCENTE DE LETRAS NO
INTERIOR DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

MARIA DO SOCORRO DE LUCENA SILVA

**LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO INICIAL DO DOCENTE DE LETRAS NO
INTERIOR DA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino da Costa

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Maria do Socorro de Lucena
Letramento digital na formação inicial do docente de letras no interior da Paraíba [manuscrito] / Maria Do Socorro De Lucena Silva. - 2016.
116 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino da Costa, Departamento de Comunicação Social".

1. Tecnologia educacional 2. Letramento digital 3. Estágio supervisionado 4. Formação inicial de professores I. Título.

21. ed. CDD 371.334

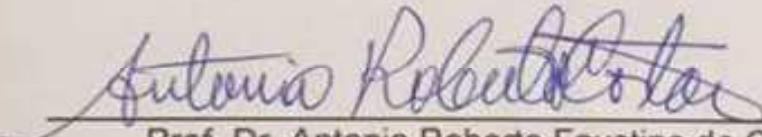
MARIA DO SOCORRO DE LUCENA SILVA

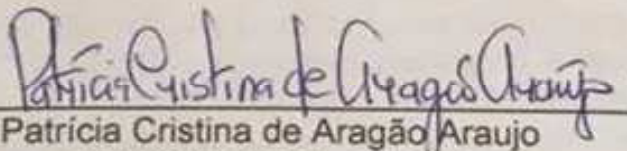
LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO DO DISCENTE DE LETRAS NO
INTERIOR DA PARAÍBA

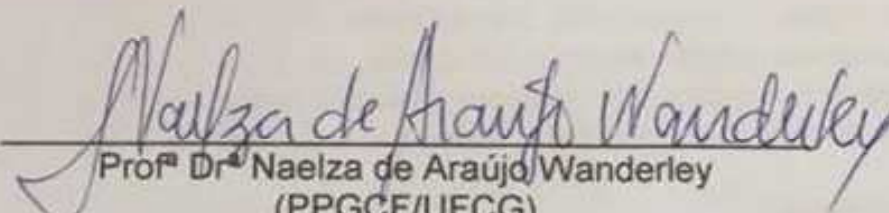
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do grau de mestre.

Aprovada em: 22/12/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino da Costa
(PPGFP/UEPB)
Orientador


Profª Drª Patricia Cristina de Aragão Araujo
(PPGFP/UEPB)
Examinadora Interna


Profª Drª Naelza de Araújo Wanderley
(PPGCF/UFCG)
Examinadora Externa

O crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas (computador, Internet, cartão magnético, caixa eletrônico etc.) na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos. Por essa razão, alguns estudiosos começam a falar no surgimento de um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento, que têm chamado de letramento digital. Esse novo letramento, segundo eles, considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais.

Antônio Carlos Xavier

Ao meu marido, presença terna e carinhosa, meu porto seguro.

Aos meus queridos filhos, Bruno, Daniely e Antônio Carlos Segundo, que são pessoas destemidas e fontes de superação por tudo que representam em minha vida.

Aos meus pais, presenças indispensáveis na minha vida, fonte de carinho, de disponibilidade e apoio constante a quem recorro sempre.

Aos meus irmãos Gilson e Etham, fontes inspiradoras de dedicação, e amor incondicional, presenças marcantes, encorajadoras e seguras.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho como este exige a contribuição de várias pessoas, não só a colaboração na produção científica, mas a palavra de carinho e ânimo num momento de fragilidade, assim como também o apoio em todos os aspectos, quer seja no âmbito afetivo, familiar ou profissional.

Diante disso, não poderia deixar de agradecer, especialmente à:

A Deus, a quem é dada toda Honra e toda Graça pelo entusiasmo, alegria, esperança e saúde derramados durante a construção deste trabalho, que apesar das dificuldades em nenhum momento pensei em desistir.

Aos meus amados irmãos, José Gilson e José Etham, pessoas fenomenais e profissionais estudiosos, honestos, destemidos, simples, a quem devo o que sou enquanto pessoa e profissional.

Aos meus queridos filhos e meu marido, compreensivos e promotores da coragem que para atingir meus objetivos.

Ao Diretor-Presidente das FIP por oportunizar a todos os interessados em ascender academicamente através do mestrado e a mim, em particular, a concretude da conclusão.

A equipe de professores do mestrado da UEPB pela competência e compromisso na socialização dos conhecimentos.

Ao prof. Dr. Antonio Roberto Faustino pela orientação atenciosa, pela alegria de compartilhar cada momento deste trabalho, disponibilizando seu tempo precioso, como também seus saberes, suas experiências, sua amizade e solidariedade durante todo o trabalho.

A equipe gestora da E.E.E.F. Rio Branco, em especial, ao diretor, Silvaneto Firmino por contribuir para a concretização deste sonho.

Aos acadêmicos do 3º período do Curso de Nutrição - FIP, dos turnos manhã e noite, das aulas às terças-feiras que, do turno manhã concordaram em assistir às aulas, às sextas-feiras e o turno da noite que aguardava chegar de Campina Grande, às 20h30min. para assistir às aulas. Minha estima e consideração.

Às minhas colegas do Curso de Letras, as prof.^{as} Carminha e Cilene que assumiram a coordenação de Letras, às segundas e terças-feiras, no momento das aulas em Campina Grande. Deus vos abençoe pela compreensão e solidariedade.

Aos professores e professoras do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Patos -FIP, dos quais destaco: Carminha, Cilene, Naelma, Maria José, Suely e Etiene pelo apoio as decisões, a partir das significativas ações que contribuíram e contribuem para a minha formação, ações estas munidas de ética e responsabilidade.

A Coordenadora da Licenciatura Plena em Pedagogia das FIP, Edilene Araújo, amiga, colega do mestrado e minha companheira de trabalho, cuja presença marcante ao longo do curso se fez notória, pelo diálogo vivenciado, como testemunho de vida e de compromisso profissional fazendo dessa jornada uma construção prazerosa e um sonho possível.

A Miguel dos Santos, marido da minha amiga Edilene Araújo, meu muito obrigado pela disponibilidade em viajar conosco para Campina Grande com a serenidade e calma que lhe é peculiar, como também o profissionalismo e segurança nas estradas.

A Neto da Van, profissional que, incansavelmente, adequava o horário da Van ao nosso horário, do retorno de Campina Grande a Patos.

Aos professores e professoras participantes desta pesquisa, que me acolheram como colega e pesquisadora, estabelecendo comigo uma relação de solidariedade, sua sinceridade, que nos relataram suas dificuldades, dúvidas e anseios sobre como trabalhar no Estágio Supervisionado o Letramento Digital. A eles e elas devo a conclusão deste trabalho. As professoras e professores em geral que, assim como eu, acreditaram e acreditam que a uma pesquisa sobre Letramento Digital no Curso de Letras abre caminhos para mudanças metodológicas na forma de se fazer educação neste país.

A Kamila, Secretária do Curso de Letras, colega de trabalho competente e habilidosa com as novas tecnologias, principalmente com o Letramento Digital a quem sempre recorro para as dúvidas acerca das ferramentas tecnológicas. Obrigada por tudo.

As Coordenadoras Acadêmicas das FIP, a prof.^a Alana Candeia, a prof.^a Elzenir Pereira e Luzia Mendonça que compreenderam minha ausência á coordenação do Curso de Letras durante o tuno diurno e deram todo apoio a realização deste mestrado.

As Prof^{as} Naelza Wanderley e Patrícia Silva, pelas contribuições, confiança e o reconhecimento do meu trabalho, tornando-o significativo para o Curso de Letras – UEPB e FIP, proporcionando-me, sobretudo, o aperfeiçoamento das minhas potencialidades. O desempenho honesto e comprometido das referidas profissionais na banca de defesa contribuiu para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora e orientadora de trabalhos acadêmicos.

Á coordenadora do Curso de Letras da UEPB, Catolé do Rocha, a prof.^a Vaneide Silva por veicular meu contato com os professores do Estágio Supervisionado , como também pela compreensão em me fornecer a documentação do referido Curso de forma democrática e prestativa.

Á Diretora do CAMPUS VII, UEPB – Patos, a prof.^a Shayenne que na época das aulas em Campina Grande , precisamente , 2014 era diretora e adaptou meu horário na Instituição para que participasse do mestrado. Obrigada.

RESUMO

O objeto desta pesquisa diz respeito ao letramento digital no Curso de Licenciatura Plena em Letras, com ênfase no componente curricular Estágio Supervisionado. Aborda a importância crescente das tecnologias no ensino de Letras no Brasil. Mais especificamente, analisa como os cursos de Licenciatura Plena em Letras de Instituições de Ensino Superior do interior da Paraíba têm incorporado o letramento digital na formação inicial de professores, com ênfase no Estágio Supervisionado. Problematisa as concepções envolvendo a formação docente, formação inicial do professor de Letras, letramento digital e Estágio Supervisionado, partindo do pressuposto de que as tecnologias, particularmente, a internet modificaram as formas tradicionais de ler e escrever. Adota a metodologia qualitativa de natureza exploratória e descritiva, elegendo como amostra o estudo comparado entre os cursos de Letras de uma instituição de ensino privada e outra pública, no caso, as Faculdades Integradas de Patos (FIP) e a Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Catolé do Rocha-PB. O embasamento teórico compreende os estudos de Nóvoa (1991, 1992), Fazenda (1991), Arruda (2004), Freitas (2008), Kleiman (1995, 2007, 2008), Soares (1998, 2002), Bakhtin (2003), Antunes (2003), Geraldi (1998), Pimenta & Lima (2004), Freire (1996). Como procedimento metodológico, além da pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, realiza inicialmente uma pesquisa documental, tendo como referência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as diretrizes curriculares dos cursos de Letras, os projetos pedagógicos dos cursos pesquisados e os planos de curso dos professores supervisores. Soma-se a isso a aplicação de questionário ao conjunto dos professores supervisores da FIP e UEPB, seguida da realização de observação sobre o desenvolvimento do Estágio Supervisionado diretamente nas escolas, compreendendo o acompanhamento e avaliação das práticas de letramento digital desenvolvidas em sala de aula. Descreve os resultados da pesquisa, contextualizando o perfil acadêmico e as características institucionais das faculdades estudadas, bem como a organização do projeto pedagógico e do Estágio Supervisionado de cada curso. Discute, comparativamente, as concepções, objetivos e contribuições do Estágio Supervisionado de ambas as instituições para a formação e prática pedagógica no campo das tecnologias e, de modo especial, do letramento digital.

Palavras-Chave: Ensino de Letras. Formação inicial de professores. Estágio Supervisionado. Letramento digital.

ABSTRACT

The objective of this research is related to digital literacy in the Full Degree course in Letters, with emphasis on the curricular component Supervised Internship addresses the growing importance of technologies in the teaching of Literature in Brazil. More specifically, it analyzes how the full degree courses in Letters of Higher Education Institutions of the interior of Paraíba have incorporated the digital literacy in the initial formation of teachers, with emphasis on the Supervised Internship. It problematizes conceptions involving teacher education, initial teacher training, digital literacy and Supervised Internship, based on the assumption that technologies, particularly the Internet, have modified the traction of reading and writing. It adopts the qualitative methodology of exploratory and descriptive nature, choosing as a sample the comparative study between the courses of Letters of a private and a public education institution, in the case, the Faculdades Integradas de Patos (FIP) and the State University of Paraíba, Campus Of Catolé do Rocha-PB. The theoretical basis of this study is the Nóvoa (1991, 1992), Fazenda (1991), Arruda (2004), Freitas (2008), Kleiman (1995, 2007, 2008), Soares (1998,2002), Baktin Antunes (2003), Geraldi (1998), Pimenta & Lima (2004), Freire (1996). As a methodological procedure, in addition to bibliographical research and literature review, initially performs a documentary research, having as reference the Law of Guidelines and Bases of National Education, the curricular guidelines of the courses of Letters, the pedagogical projects of the courses researched and the plans of Supervisors. In addition, a questionnaire was applied to all FIP and UEPB supervisors, followed by an observation about the development of the Supervised Internship directly in schools, including the monitoring and evaluation of the digital literacy practices developed in the classroom. It describes the results of the research, contextualizing the academic profile and the institutional characteristics of the studied faculties, as well as the organization of the pedagogical project and the Supervised Internship of each course. It discusses, comparatively, the conceptions, objectives and contributions of the Supervised Internship of both institutions for the formation and pedagogical practice in the field of technologies and, especially, of digital literacy.

Keywords: Teaching of Letters. Initial teacher training. Supervised internship. Digital literacy

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	TRAJETÓRIAS DA FORMAÇÃO DO DOCENTE DE LETRAS DAS FIP E DA UEPB.....	13
2.1	Trajetória da formação docente : perspectivas da formação inicial.....	16
3	FORMAÇÃO, PRÁTICAS E DESAFIOS PROFISSIONAIS.....	22
3.1	Estágio Supervisionado: entre teoria e prática.....	25
3.2	Letramentos: da Alfabetização ao Letramento Digital.....	30
3.3	Letramento Digital: outro modo de ler e escrever.....	35
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
4.1	Universo e Sujeitos da Pesquisa.....	43
4.2	Técnicas de Coleta e Análise dos Dados.....	44
5	LETRAMENTO DIGITAL NO CURSO DE LETRAS DA FIP E DA UEPB.....	48
5.1	Estrutura das Faculdades Integradas de Patos (FIP).....	48
5.1.1	<i>Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Letras da FIP</i>	50
5.2	Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Catolé do Rocha (UEPB).....	53
5.2.1	<i>Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Letras da UEPB</i>	57
5.3	Estágio Supervisionado no Curso de Letras da FIP e da UEPB.....	60
5.4	Avanços e Desafios do Letramento Digital no Interior Paraibano..	63
5.4.1	Visão dos docentes do Curso de Letras em relação ao letramento digital no Estágio Supervisionado.....	63
5.4.2	Dados das observações descritivas e reflexivas em sala de aula dos supervisores de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Inglesa da Faculdade Particular.....	73
5.4.3	Dados das observações dos planos de cursos dos supervisores de Estágio Supervisionado da UEPB.....	75

5.4.4	Dados das observações dos planos de cursos dos supervisores de Estágio Supervisionado das FIP.....	76
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	80
	APÊNDICE.....	90
	ANEXOS.....	101

1 INTRODUÇÃO

O letramento digital é um fenômeno complexo que envolve mitos e múltiplas concepções no que concerne às novas formas de ler e escrever na contemporaneidade. Discorrer sobre o fenômeno, na maioria das vezes, é um tanto polêmico, tanto na dimensão teórica como na prática. Trata-se de um tema recortado por questões e contradições que demandam conceber o fenômeno a partir de uma análise crítica e aprofundada.

Por isso mesmo, construir um trabalho sobre a temática consiste num desafio, principalmente por se tratar de articular exigências curriculares e práticas pedagógicas que nem sempre estão, intrinsecamente, relacionadas. O presente estudo parte da preocupação em repensar a formação inicial de professores no Curso de Licenciatura em Letras, pontuando esta formação na perspectiva do letramento digital, a partir das práticas de leitura e escrita no componente curricular Estágio Supervisionado.

As ações didático-pedagógicas ministradas aos professores em formação devem se fundamentar em práticas de linguagens, envolvendo uma diversidade de estratégias e modalidades de leitura e produção textual capazes de habilitar os licenciados a aprofundar o estudo e prática no campo do letramento e do letramento digital. Nesse sentido, enquanto componente curricular de interação entre teoria e prática, o Estágio Supervisionado constitui espaço fundamental para garantir ações autônomas e reflexivas.

Como coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras das Faculdades Integradas de Patos (FIP) e, ao mesmo tempo, supervisora de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa a autora pode verificar que as práticas de leitura e escrita digitais dos referidos supervisores não atendem às exigências de letrar. Ilustram bem isso as reuniões de planejamento pedagógico realizadas com outras colegas supervisoras que atuam nos últimos anos do Ensino Fundamental (6º ao 9º) e no Ensino Médio de escolas públicas estaduais e municipais.

Essa evidência cristaliza-se na falta de atividades pedagógicas com uso das ferramentas tecnológicas, desde os laboratórios de informática às redes sociais. Isso mostra que as referidas supervisoras não possuem a formação digital para a leitura

e escrita digitais, pois não a utilizam no Estágio Supervisionado, limitando-se na maioria das vezes às formas tradicionais de ler e escrever.

O problema do presente estudo, portanto, reside na seguinte indagação: como os cursos de Licenciatura em Letras de Instituições de Ensino Superior (IES) do interior paraibano têm concebido e aplicado o letramento digital ao longo do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e, particularmente, do Estágio Supervisionado? A problemática surge da experiência da autora no estágio supervisionado em Língua Portuguesa, no Curso de Letras da FIP, conforme problema surramencionado; por outro, o Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus de Catolé do Rocha, justificado pelo fato de a autora cursar o Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da UEPB.

Desta forma, tem-se como objetivo geral verificar como os cursos de Licenciatura em Letras da FIP e da UEPB têm incorporado o letramento digital na formação dos discentes do Curso de Licenciatura Plena em Letras. Como objetivos específicos destacam-se os seguintes:

a) examinar as concepções que amparam o letramento, o letramento digital e o ensino-aprendizagem centrado nas novas formas de ler e escrever, a partir das contribuições da internet para a expressividade da comunicação criativa e interativa;

b) comparar a aplicação do letramento digital no projeto pedagógico, planos de curso e práticas em sala de aula em uma faculdade particular e uma universidade pública.

Pretende-se, com o estudo, colaborar com a produção de material sobre a formação inicial de professores de Letras, notadamente, no âmbito do letramento digital. Além disso, propor práticas interativas e comunicativas eficientes e eficazes através do letramento digital, substituindo as formas de escrever e ler que não conduzem o profissional a uma comunicação criativa. Almeja-se, ademais, contribuir para aperfeiçoar o letramento digital de supervisores de estágio que não possuem uma prática pedagógica no campo do letramento digital.

Diante da importância conferida às instituições de ensino como geradoras de conhecimentos e de exercício pleno de convicções sociais, entende-se que elas se apresentam como espaços de integração de experiências, socialização de saberes e de inclusão de todos os sujeitos sociais. Há, mais, a necessidade de se preparar os sujeitos com a devida qualidade para que atuem nos mais diversos espaços de

aprendizagem. Por isso, urge pensar numa instituição com base na humanização e igualdade para todos os envolvidos.

O estudo ora apresentado estrutura-se, basicamente, em cinco capítulos. Destina-se o primeiro a traçar a trajetória da formação docente no Brasil, destacando a evolução do ensino e da formação inicial dos professores de Letras. Trata o segundo, por sua vez, de abordar a relação da formação com as práticas docentes e os desafios profissionais, enfatizando a importância do Estágio Supervisionado para garantir a necessária indissociabilidade entre teoria e prática pedagógica.

No terceiro capítulo, a atenção se volta para as múltiplas concepções envolvendo os processos de alfabetização e letramento, sobretudo, no que diz respeito ao fenômeno do letramento digital encerrar novas práticas sociais de leitura e escrita. No quarto capítulo, apresentam-se a natureza, universo e sujeitos da pesquisa, discriminando os procedimentos metodológicos, as técnicas de coleta e análise dos dados.

Por último, o quinto capítulo dedica-se a descrever e analisar mais detidamente a problemática do letramento digital no Curso de Letras da FIP e da UEPB. Para tanto, aborda inicialmente o contexto, o perfil acadêmico e as características institucionais das faculdades estudadas, bem como a organização do projeto pedagógico e do Estágio Supervisionado de cada curso. Na sequência discute, comparativamente, as concepções, objetivos e contribuições do Estágio Supervisionado para a formação e prática pedagógica no campo das tecnologias e do letramento digital, tentando apontar seus avanços e desafios em ambas as instituições.

2 TRAJETÓRIAS DA FORMAÇÃO DO DISCENTE DE LETRAS DAS FIP E DA UEPB

O presente capítulo objetiva historicizar uma breve apresentação trajetória acerca do ensino e da formação inicial de professores de Letras no Brasil, fundamentado na trajetória histórica e condicionamentos que a formação docente enfrenta na atualidade. Marcados estes pelas mudanças ocorridas nas diretrizes, matrizes curriculares e políticas públicas, principalmente, no contexto escolar das escolas de Educação Básica.

A formação docente, de acordo com Pimenta e Anastasiou (2002), não é adquirida somente através de embasamentos teóricos. Depende, também, de momentos socializáveis, ações internalizadas durante o percurso acadêmico ou seguindo seus próprios conceitos.

A preocupação da sociedade quanto ao Ensino Superior diz respeito, justamente, à prática docente e à produção do saber que tendem convergir para um distanciamento do contexto social, enquanto este se apresenta complexo, dinâmico e com diversidades de situações. A docência superior, na maioria das vezes, reflete uma prática isolada e monótona. Desse modo, fragiliza o processo educacional por não estabelecer um relacionamento entre as disciplinas que contemplam a matriz curricular do curso e o contexto social.

Segundo Makarenko (apud Gadotti, 1995), a discussão destaca a dificuldade em formar um grupo de professores coeso e que produza reflexões de forma interdisciplinar, pensando no coletivo, ou, quem sabe, na unidade no ensino. Nesse caso, o grupo desenvolveria ações pedagógicas correlatas, mostrando a unidade na perspectiva curricular, essencialmente privilegiando a íntima ligação do contexto social com o mercado de trabalho do profissional no âmbito da educação.

Não obstante, é difícil agrupar os educadores para a discussão nesta busca de unidade e empenho por melhoria no ensino e aprendizagem no contexto do Ensino Superior. Quando acontece, dispõe-se de um pequeno grupo e não contempla todas as áreas, ocasionando uma discussão restrita. A pluralidade de mudanças advindas da revolução tecnológica, social e econômica na educação, em específico, no Ensino Superior, mostra a complexidade do ofício de ser professor.

A exigência primordial de mudança, segundo Giroux (1986), teria que ser a do docente que deve ser um agente que contribua para a transformação e formação de cidadãos. Todas as mudanças seriam decorrentes das propostas de ações da Instituição de Ensino Superior (IES) e da sua interação com a coordenação pedagógica e o diálogo com os demais professores.

Para Schon (1992), a formação docente incluiria ações desde encontros de formação continuada a debates referentes às práticas pedagógicas. Muito além de dotar um professor de conhecimentos técnicos, torna-se fundamental provocá-lo a refletir sobre práticas significativas em termos de qualidade. Uma prática reflexiva associada a um processo de investigação-ação, envolvendo o conjunto de discentes e docentes como agentes da aprendizagem.

De acordo com Fazenda (1991), a interdisciplinaridade exige a iniciativa para o trabalho em grupo, a partir do diálogo com cada área de estudo, cada disciplina. Exige, ainda, respeitar a importância dos saberes do outro, enfrentar os desafios proporcionados pelas diferenças de ponto de vista, a humildade para ouvir as demais opiniões e assumir equívocos.

A formação do professor nem sempre possibilita a internalização de todas as questões inerentes à prática docente, por isso, a exigência em dar continuidade a sua formação, buscando constantemente momentos reflexivos, como grupo de estudos com outras disciplinas, o que ocasiona a crítica e autocrítica.

De acordo com Chaves (2001), tendo em vista superar esse contexto e buscar equilíbrio entre os encargos dos professores e suas práticas, marcadamente nas novas tecnologias, surgem oportunidades acerca da formação continuada como forma de provocar no professor o interesse em adquirir novos conhecimentos, novas práticas, competências e habilidades, a fim de traçar o perfil daquele que seria o bom professor. A partir daí, originaria a perspectiva de profissionalização da categoria.

Contudo, o papel dos professores e sua importância no processo educativo provocam discussões quanto à natureza da formação docente, exigindo um novo perfil de profissional para o exercício da docência, segundo Imbernóm (2000) e Villas Boas (2000).

Para formar um professor prático-reflexivo, que se defrontará com situações de incertezas contextualizadas e únicas, deve-se recorrer à investigação como uma

forma de intervir praticamente nestas situações e este processo faz emergir novos discursos teóricos e concepções alternativas de formação.

Diante disso, desencadearam-se estudos na década de 1980, mostrando uma nova visão em torno da formação de professores, em que tanto o aluno quanto os docentes ensinam e aprendem concomitantemente, contribuindo para uma nova concepção de profissão e formação profissional.

Até então, a formação de professores se apresentava de forma tímida. A exigência restringia-se à formação inicial para aqueles que pretendiam ingressar na docência do ensino médio ou superior. Aliava-se a isso a inauguração das Escolas Normais, permitindo aos professores que pretendiam atuar nas primeiras séries do Ensino Fundamental ou Educação Infantil cursar o magistério, assim chamado na época.

Os debates e discussões em relação à profissão docente, sua atuação e formação acabaram ao longo desse tempo se tornando constantes no âmbito educacional. A criação de congressos e fóruns visou, por parte dos professores e alunos, uma ação bem mais ampla, no caso, a reestruturação do curso de Pedagogia.

Nessa perspectiva foi revista a concepção tradicional de ensino, reformulando o engessamento do currículo e o seu caráter metodológico. A insuficiência constatada na formação e atuação dos professores das décadas anteriores, por não atenderem às demandas antes exigidas provocou um desejo de reformulação das políticas educacionais. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, propôs ressignificar a formação e atuação do professor, através da regulamentação de instrumentos, como programas de formação continuada.

Em 1998, por sinal, foi enviado às universidades o Referencial Pedagógico-Curricular para oficializar a formação dos professores da Educação Infantil e Fundamental, constando os seguintes aspectos fundamentais: a) a formação inicial e continuada, como partes integrantes da constituição da identidade profissional dos professores; b) a vinculação da formação ao projeto educativo das escolas e; c) uma base curricular de formação calcada nos pressupostos teóricos da ação/reflexão/ação, entendida como aporte para superação de práticas reprodutivistas nos processos de ensino.

De acordo com Cunha (2003), foram criados instrumentos de reconhecimento dos cursos superiores baseados na titulação, política salarial dos professores e outros dispositivos, até então desconsiderados do ponto de vista legal. Vinculando a política educacional à política socioeconômica cultural, buscou-se a excelência na formação e no exercício do professor, por meio dos sistemas de ensino em seus vários níveis.

2.1 Trajetória da formação docente: perspectivas da Formação Inicial

Os primeiros cursos de ensino superior no Brasil foram criados no início do século XIX, determinando a formação de médicos no Hospital Militar e os cursos de Engenharia na Academia Militar (FIALHO; FIDELLIS, 2008). Mesmo não havendo nenhuma faculdade de Letras, a sociedade não deixou de se organizar nesta área, influenciada pelas necessidades de conhecimento e o próprio interesse em letras humanas, latim, grego, hebraico, entre outros idiomas.

A partir de 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública que criou o Estatuto Básico das Universidades Brasileiras, fazendo surgir no país a Organização Universitária, responsável por organizar as diretrizes universitárias da época (CHAGAS, 1979). O Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, instituiu o regime universitário no Brasil e fixou a educação superior da seguinte forma:

Art. 1º O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica em quaesquerdomínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de actividades que requerem preparotechnico e científico superior; concorrer, em fim, pela educação do individuo e da collectividade, pela harmonia de objectivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as actividades universitarias, para a grandeza na Nação e para o aperfeiçoamento da Humanidade.

[...]

Art. 5º A constituição de uma universidade brasileira deverá attender ás seguintes exigências: I - congregar em unidade universitária pelo menos três dos seguintes institutos do ensino superior: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola de Engenharia e Faculdade de Educação Sciencias e Letras; II - dispôr de capacidade didactica, ahicomprehendidospessoas, laboratorios e demais condições necessarias ao ensino efficiente; III - dispôr de recursos financeiros concedidos pelos governos, por instituições privadas e por particulares, que garantam o funcçionamento normal dos cursos e a plena efficiencia da actividadeuniversitaria; IV - submeter-se às normas geraesinstituidas neste Estatuto.

Em 1934 foi fundada a Universidade de São Paulo (USP) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada e organizada de acordo com as normas do Estatuto Básico das Universidades Brasileiras. Dando-se origem, aí, o primeiro curso superior de Letras no Brasil, assim como a pesquisa linguística regida e regulamentada em nível universitário, concentrada em preparar os candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior (FIALHO; FIDELES, 2008; BRASIL, 1934).

Em 1939, o Decreto Federal nº 1.190 criou a Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro que acabou obrigando a Faculdade de Filosofia de São Paulo a se adaptar à sua grade curricular e passar a dispor cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, quando só oferecia opções de Curso de Letras Clássicas e Português, além do Curso de Letras Estrangeiras (BRASIL, 1939).

Em 1962, tudo muda e o Parecer nº 283 reorganiza todos os cursos de Letras no Brasil, passando a permitir aos estudantes as opções de bacharelar-se ou licenciar-se em Português e respectivas Literaturas ou em Língua Estrangeira Clássica ou Moderna e suas respectivas Literaturas.

Através desse parecer, também, foi criado o Currículo Mínimo Federal que descrevia a obrigação de cinco matérias a serem oferecidas pelas universidades: Língua Portuguesa, Língua Latina, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Linguística (BRASIL, 1962).

Em 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que passa a regulamentar a organização dos sistemas de ensino nas esferas municipal, estadual e federal, entre outros processos pertinentes à educação, como também do Ensino Superior.

No que tange aos cursos de formação de professores em nível superior, a matriz curricular atende ao que prescreve o artigo 12 da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 18 de fevereiro de 2002: “[...] os cursos de formação de professores em nível superior terão a sua duração definida pelo Conselho Pleno, em parecer e resolução específica sobre sua carga horária” (BRASIL, 2002a). Atende, ainda, à Resolução do CNE, de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

Com base nessa Resolução, o aumento da carga horária dos cursos de formação de professores passa para no mínimo 2800 horas, sendo 400 horas de prática como componente curricular, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural e 200 horas para as atividades acadêmico-científico-culturais.

Sendo assim se extinguiu a obrigatoriedade do currículo mínimo, como também se instituiu a liberdade das instituições de ensino superior a compor, por exemplo, a carga horária dos currículos, o processo de ensino-aprendizagem e a articulação entre teoria e prática.

Essa Resolução vai mais além, porque estabelece que a duração da carga horária seja cumprida no mínimo em três anos, obedecendo aos 200 dias letivos dispostos pelo artigo 47 da LDB de 1996. Percebe-se que a resolução em destaque altera a carga horária mínima da prática de ensino que foi proposta pelo artigo 65 da LDB de 1996, de 300 para 400 horas.

A partir da criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, Resolução CNE 1/2002, a Licenciatura Plena em Letras passou por um processo de reestruturação. Compreendendo a criação, estrutura e exigências da licenciatura a serem observadas nos estabelecimentos de ensino, em todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

Ressaltam-se orientações inerentes ao exercício da docência

I – o ensino visando à aprendizagem do aluno; II – o acolhimento e o trato da diversidade; III- o exercício de atividades de enriquecimento cultural; IV – o aprimoramento em práticas investigativas; V – a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares; VI – o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores; VII – o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

As exigências da atual legislação perpassa pela adequação da Resolução CNE/CES 18/2002, de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002c), que visibiliza as competências gerais e as habilidades específicas a serem aplicadas durante o período de formação. Notadamente que a aplicação de cada modalidade do curso se dê mediante as ações permeadas pelas socializações e interações didático-pedagógicas, da efetiva prática de projetos de pesquisas e investigação, todos imbricados na e pela articulação teórico-prática sustentada pela reflexão e sistematização dos participantes do processo.

Vale ressaltar que o artigo 2 dessa Resolução norteia eixos fundamentais para o desenvolvimento do Curso de Letras, como a formação acadêmico-científica, os conteúdos, a formação profissional e o Projeto Pedagógico de Curso :

- a) o perfil dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura;
- b) as competências gerais e habilidades específicas a serem desenvolvidas durante o período de formação;
- c) os conteúdos caracterizadores básicos e os conteúdos caracterizadores de formação profissional, inclusive os conteúdos definidos para a educação básica, no caso das licenciaturas;
- d) a estruturação do curso;
- e) as formas de avaliação (BRASIL, 2002c).

Vale destacar nos cursos de licenciatura uma possibilidade de ações e/ou objetivos que comungam com as disciplinas de estágio que é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), criado pela CAPES mediante o Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010 (BRASIL, 2010).

Observa-se que existem outras políticas públicas, por parte do Ministério da Educação (MEC), para incentivo à iniciação à docência, mas o PIBID tende proporcionar ao licenciando uma maior interação com os sujeitos sociais das escolas públicas, desde os alunos do ensino Médio aos professores universitários: “[...] A dinâmica de aproximação – licenciandos e escolas públicas – gera um ambiente profícuo para a criação de soluções, onde todos os envolvidos são beneficiados.” (MEC).

A política do PIBID é fomentar nos licenciandos a iniciação à docência, tendo como prerrogativa a melhoria da formação de docentes em nível superior e da qualidade da educação pública brasileira. O artigo 3 do Decreto nº 7.219 apresenta os objetivos do PIBID:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e

VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2010).

Percebe-se que esses objetivos, de certa forma, também estão presentes nas disciplinas de estágio supervisionado dos cursos de licenciatura. Notadamente no que diz respeito à inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, à mobilização dos professores das escolas públicas como coformadores dos futuros docentes e à contribuição para a articulação entre teoria e prática.

No geral, a finalidade entre o PIBID e os estágios é bem parecida, porém cada um possui as suas especificidades. Enquanto o estágio é um componente curricular obrigatório para as licenciaturas, portanto todos os alunos devem realizá-lo, o PIBID é um programa da CAPES que atende a um grupo de alunos selecionados pela Universidade.

Não só o PIBID, mas todos os programas e projetos, como também a matriz curricular dos cursos, perfil do estudante, perfil dos docentes, ou seja, todos os organismos que constituem os cursos de ensino superior, em particular do Curso de Licenciatura Plena em Letras, devem estar colocados no Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

A partir do momento histórico em que foram elaborados os PPCs, tornou-se necessário o aprofundamento das questões de aprendizagem, segundo a Resolução do CNE/CES (Brasil, 2002, p. 3):

Art. 1º As diretrizes Curriculares para os cursos de Letras, integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001, deverão orientar a formulação do projeto pedagógico do referido curso. Art. 2. O projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecida pelo curso de Letras deverá explicitar: a) o perfil dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura; b) as competências gerais e habilidades específicas a serem desenvolvidas durante o período de formação; c) os conteúdos caracterizadores de formação profissional, inclusive os conteúdos definidos para a educação básica, no caso das licenciaturas; d) a estruturação do curso; e) as formas de avaliação.

A formulação do PPC pelo Curso de Letras deve obrigatoriamente atender às orientações postas nas diretrizes curriculares. Os elementos explicitados devem estar visíveis no PPC porque são a base para a formação do profissional. Os mesmos devem estar interligados ou em consonância com os outros documentos que orientam a prática do professor de Letras, como o plano de curso. Estes

elementos tratados como relevantes e conhecidos por todos que constituem o Curso de Letras estimulam as metodologias favorecendo a construção dos saberes.

São várias as implicações na prática do professor de Letras e conseqüentemente, no desempenho acadêmico do discente, tendo no PPC a visibilidade dos elementos em questão. O diálogo entre os conteúdos caracterizadores de formação profissional com as competências e habilidades a serem desenvolvidas suscitam um enfoque interdisciplinar, que possibilita o desenvolvimento da capacidade de inovar, estimulando o desenvolvimento científico e o pensamento reflexivo. Nesse sentido se faz necessário a participação dos docentes na construção do PPC. O objetivo é garantir discursos e práticas pedagógicas articuladas e mais comprometidas com o ensino-aprendizagem, bem como uma prática pedagógica coerente com os paradigmas atuais.

No entanto, nem sempre os PPCs são consultados pelos docentes para nortear sua prática, o que gera o risco de encontrarmos uma pedagogia fragmentada e dissociada da aprendizagem. As autoridades gestoras dos cursos superiores deveriam, então, exigir e formalizar com mais efetividade esta unicidade entre a didática docente e apreensão do conhecimento dos discentes.

Com base na revisão do PPC e as orientações das Diretrizes Nacionais, O Curso de Letras é capaz de refletir que formação está oferecendo ou que práticas possibilitam ao discente. E notadamente perceber os desafios da profissão. Para isso discutem-se os temas no capítulo seguinte.

3 FORMAÇÃO, PRÁTICAS E DESAFIOS PROFISSIONAIS

O presente capítulo trata das exigências enfrentadas pelo ensino de Letras na preparação do graduando para o mundo do trabalho, com ênfase sobre o Estágio Supervisionado. Neste sentido, aborda a capacitação do licenciando acerca das discussões relativas aos temas atuais da educação, destacando-se as tecnologias, o letramento digital e os desafios que circundam a prática pedagógica no contexto escolar.

Pacheco (2006) assinala que “o professor ensina da maneira como aprende”. Nóvoa (1988, p. 116), por sua vez, pontua que “[...] a tomada de consciência opera-se através do assumir da palavra. O saber gera-se na partilha do discurso”. O autor acredita numa formação com perfil contextualizado, envolvendo estudos retrospectivos, mas também com ações baseadas no presente e em aspectos do futuro, sobretudo, trilhando vivências do contexto histórico-cultural do formando.

Noutro momento, Nóvoa (1995) salienta um programa de formação de professores que esteja concentrado em dimensões cooperativas, objetivando uma dimensão orientadora de profissionais autônomos na transformação das escolas. Daí a compreensão de que “[...] a busca pela reflexividade deve partir de um trabalho que seja coletivo e construído a partir do dialogismo” (BENEVIDES, 2005, p. 88).

A língua é uma das formas de manifestação de uma sociedade e apresenta características culturais próprias. Para Paiva (2003), as línguas servem de mediadoras para ações políticas e comerciais, além de veicularem o conhecimento científico e a produção cultural. Faz parte dos estudos de Letras desenredar as concepções da língua, na tentativa de subsidiar novas metodologias e renovar o conteúdo ensinado.

Compreende-se como obrigação do graduando em Letras conhecer a estrutura e funcionamento da língua estudada, além de compreender os fatos linguísticos que a influenciam, com objetivo de preservar a cultura das línguas e literaturas. Na formação inicial, o propósito é aperfeiçoar o aluno para que ele execute de forma competente e qualificada o exercício profissional junto ao mercado (SENAC, 2015).

O estudante de Letras deve ser um assimilador do conteúdo transmitido, compreendedor dos fenômenos inerentes à linguística e não apenas memorizador do que lhe foi passado. Devendo, assim, a graduação ser prioritariamente formativa e não simplesmente informativa, uma vez que o graduando deve analisar descrever e explicar a língua e os fatos linguísticos e literários envolvidos.

Segundo Pereira (2014), o Curso de Letras nasceu com o intuito de formar intelectuais para a função das diferentes atividades culturais, preparando para o ensino e a pesquisa nos vários domínios da língua. A formação inicial em Letras contemporânea, segundo Hall (1997), baseia-se em buscar a remodelagem das práticas pedagógicas linguísticas, mirando seus esforços na construção de uma sociedade democrática, comunicativa, crítica e participativa, afinal é objetivo da educação ampliar a formação cultural da sociedade.

Compete ao curso superior de Letras, por isso mesmo, preparar o graduando para realizar de forma eficiente seu papel de educador e pesquisador, baseado em princípios científicos e éticos (NEVES, 2011). No Ensino Fundamental e Médio, demonstrar domínio linguístico-discursivo e literário da língua estrangeira, ter consciência das variedades linguísticas e culturais, além de refletir sobre o papel de outras línguas no contexto multicultural brasileiro. Além disso, o licenciando terá uma competência formativa geral relacionada às Humanidades e à convivência social.

O processo de formação de professores no curso de Letras deve ocorrer, portanto, de modo articulado com diversos saberes. Nesse sentido, o tratamento dado aos saberes do conhecimento teórico, assim como do conhecimento prático devem acontecer criticamente.

Sendo assim, os saberes docentes devem ser compreendidos como:

[...] essenciais e complexos, relativos, mutáveis, com valores ético-políticos e atravessados pelas questões socioculturais das sociedades, reconhecemos a importância de se formar professores que também assumam essa concepção. Desse modo, a construção dos saberes está diretamente ligada ao contexto social, ao tempo, às condições materiais e aos aspectos sócio-histórico-culturais que fazem parte integrante do processo pedagógico (BENEVIDES, 2005, p. 88).

Dentre os grandes desafios enfrentados nos cursos de Letras destaca-se o de formar professores capacitados no que se refere ao domínio da leitura e da produção textual perante contextos escolares. As propostas de ensino da língua contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na maioria das vezes, não

são refletidas e socializadas com os formandos, nos componentes curriculares, ocasionando ao formando o desconhecimento de concepções e práticas significativas (REINALDO, 2000).

Percebe-se na formação dos professores, inclusive, saberes que não atendem mais às exigências da contemporaneidade. Miranda (2000, p. 203) salienta o quanto é “[...] preciso repensar com urgência os cursos de Letras”. A matriz curricular deve acompanhar as novidades quanto a saberes, teorias, categorias, práticas, entre outras inovações, “[...] os currículos e suas grades curriculares se assentam em concepções tradicionais de linguagem” (OLIVEIRA, 2003).

Urge, em contrapartida, uma estrutura curricular ancorada numa concepção de linguagem que permita aos formandos uma prática pedagógica enquanto sujeito crítico, competente leitor e produtor de textos. Permitindo em consequência, como destaca Oliveira (2003, p. 66-67), “ver a linguagem como modo de ação sobre o mundo e sobre os outros, constituída nas relações sociais e, nesse processo, representando e significando o mundo”.

Assim sendo, a formação do professor deve postular uma dimensão compreensiva da língua em todos os seus aspectos. Sobretudo no sentido de tornar os futuros professores conscientes “sobre o ensino da língua como prática discursiva, de natureza social, sem dispensar o domínio de sua organização estrutural, mas que compreenda os elementos que a organizam enquanto recursos para expressar pontos de vista” (OLIVEIRA, 2003, p. 73).

Zeichner e Liston (1987) defendem uma formação que não prepara os formandos para o exercício da docência, mas os orienta para “assumirem um papel mais central direcionado para o próprio empenho em tomar decisões”. O aprendiz da docência é considerado como sujeito do conhecimento (TARDIF, 2002) e estabelece, na sua prática, o reconhecimento também das vozes que falam sobre o outro (BAKHTIN, 2003).

Ramalho (1998) salienta que a formação de professores-leitores deve está voltada para a atualização de conhecimentos, mas também para a construção/elaboração de saberes que orientem os futuros profissionais da docência. Soares (2002, p. 219), por sinal, questiona os desafios presentes na formação do profissional de Letras:

Que grupos sociais estão hoje demandando a profissão de professores de Português e, para isso, frequentam as salas de aula dos cursos de Letras?

Quem são estes que devemos formar como professores de Português? [...] que formação devem ter os que formam os professores?

O processo estabelecido sobre a leitura, segundo Larrosa (2003, p.140), “implica a relação de cada um consigo mesmo e com os outros”, assim sendo revela-se semelhante aos processos do ensinar com o aprender. Por isso, é indispensável o conhecimento do professor em relação a fatores pedagógicos e didáticos na vivência da leitura, assim como o significado de sua função como mediador no ato de ler.

A formação inicial em Letras promove uma eficiente habilitação profissional, independente da área de atuação que o graduando deseje seguir. O fundamental é que haja incentivo para que se alcance uma formação sólida, necessária para propiciar ao graduando condições de exercício profissional e de produção de conhecimento.

3.1 Estágio Supervisionado: entre teoria e prática

Considerando a importância da articulação entre a teoria e a prática, a Lei 11.788/2008 prevê que cabe aos cursos de Licenciatura a obrigação de oferecer estágios supervisionados, com o objetivo de permitir a atuação profissional orientada e o crescimento intelectual. As atividades de estágio integram o saber acadêmico à prática profissional, incentivando o reconhecimento de habilidades e competências.

Desta forma, o Estágio Supervisionado é visto como uma atividade que pode trazer imensos benefícios para a melhoria do ensino e da aprendizagem, ao relacionar mais sistematicamente teoria e prática. Certamente trará resultados positivos à formação do aluno, além de benefícios à sociedade e, em especial, à comunidade que receberá a ação dos futuros profissionais.

O Estágio Supervisionado pode ser compreendido, segundo Bianchi et al. (2005), como uma experiência que permite ao aluno desenvolver suas habilidades, tais como criatividade, independência e compromisso, com objetivo de ter a confirmação que sua escolha profissional corresponde à sua aptidão técnica. Compreende-se o estágio como um instrumento que vai muito além do cumprimento das exigências acadêmicas, conferindo ao estagiário também o crescimento pessoal e profissional (BERNADY et al., 2012)

Compreende o Estágio Supervisionado orientações e preparação que possibilitam aos estagiários vivenciarem o que aprenderam durante a vida acadêmica, a partir do momento que se possibilita que estes apliquem seus conhecimentos adquiridos na prática profissional, na tentativa de fazer com que incorpore práticas e adquira uma visão crítica de sua área de atuação profissional (MAFUANI, 2011; CUNHA & OLIVEIRA, 2006).

Antes de tudo, o estágio é uma atividade curricular da instituição de ensino, desenvolvida para propiciar uma integração dos estudantes com a realidade do mundo de trabalho. Traciz e Dias (2006. p.1) afirmam que “o estágio é uma chance que o acadêmico tem para aprofundar conhecimentos e habilidades nas suas áreas de interesse.”.

O estágio passou a integrar a matriz curricular acadêmica brasileira a partir das Leis Orgânicas do Ensino Profissional, definidas entre 1942 e 1946, como parte do objetivo da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no intuito de preparar o aluno para a formação profissional (PARECER nº 35/2003, MEC, 2004). Através do estágio é dada ao graduando a oportunidade de relacionar a teoria e a prática do dia a dia e assim manter um contato com a realidade do mundo de trabalho.

Somente a partir da década de 1970 é que o componente ganhou alusivo impulso, uma vez que o Parecer nº 45/72, emitido pelo extinto Conselho Federal de Educação, passou a considerar o Estágio Supervisionado como obrigatório para habilitações técnicas dos setores primários e secundários da economia (BRASIL, 1971; BRASIL, 1972; MEC, 2004).

Na mesma década, a Lei Federal 6.497/77 passou a regulamentar os estágios profissionais supervisionados no ensino superior, no segundo grau e no ensino supletivo, caracterizando-o como uma complementação do ensino e da aprendizagem, como instrumento de aperfeiçoamento técnico-cultural e científico (BRASIL, 1977). Posteriormente, o Decreto nº 87497/82 passou a regulamentar a lei federal, cujo artigo 2º assim se expressa:

Considera-se estágio curricular (...) atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho, sendo realizadas na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino. (BRASIL, 1982)

O decreto considerava o estágio como aperfeiçoamento profissional, mas a LDB de 1996 desvinculou a Educação Profissional da Educação Básica e passou a

ampliar os objetivos e abrangência do Estágio Supervisionado. O artigo 82 da LDB descreve:

Art. 82º. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição. Parágrafo único. O estágio realizado nas condições deste artigo não estabelece vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa de estágio, estar segurado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica. (BRASIL, 1996)

A partir da ampliação deliberada pela LDB pode-se observar que a prática de Estágio Supervisionado deixou de ser vista apenas como um treinamento profissional para uma prática social educacional que abrange todos os níveis e modalidades do sistema educacional brasileiro. Sendo assim, o estágio é visto como um espaço de treinamento para atuação profissional, utilizando para isso a relação indissociável entre a teoria e a prática (PIMENTA, 2010).

Em 2008, foi sancionada a Lei 11.788/08, atual legislação vigente no Brasil sobre Estágio Supervisionado, cuja definição é a seguinte:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008).

Para que seja executado, o aluno será inserido no ambiente de trabalho através de uma supervisão sistemática, realizada por um professor supervisor, em conjunto com um profissional de campo que subsidiará o aluno durante a execução do seu estágio. Tudo isso baseado em um plano de estágio que deverá ser elaborado em conjunto com a unidade de ensino e a unidade proponente das atividades. Segundo Buriolla (2001), a importância do professor, supervisor de campo e supervisor acadêmico é ímpar, pois a figura deles contribuirá para “direcionar” o novo profissional.

O Estágio Supervisionado curricular, nas modalidades obrigatório e não obrigatório, é um processo didático-pedagógico que se consubstancia pela “indissociabilidade entre estágio e supervisão acadêmica e profissional” (ABESS CEDEPSS, 1997, p.62). Durante a supervisão do estágio, o aluno deverá apresentar relatórios técnicos e um acompanhamento individualizado. A carga horária irá variar

de acordo com a grade curricular da instituição de ensino e ser compatível com as atividades escolares.

Deve-se manter a distinção entre estágio e emprego, uma vez que o estágio exige um contínuo acompanhamento e avaliação das ações do aluno, por parte das instituições de ensino e das empresas concedentes que serão parceiras da escola. (PARECER nº 35/2003, MEC, 2004).

O Ministério Público do Trabalho declara que não existe a obrigatoriedade legal da empresa ou de qualquer ente público de contratar estagiário. Se o faz, deve ter em mente que o estágio tem como objetivo proporcionar aprendizado prático ao estudante, o que caracteriza, na prática, o seu engajamento na preparação deste para o mercado de trabalho:

[...] não há como confundir o estagiário com o empregado. Este, contratado para o desenvolvimento de atividades necessárias à consecução, pela empresa, dos objetivos propostos, nos termos da legislação trabalhista, com obrigações e direitos. Aquele, inserido na empresa em condições especiais, sem vínculo empregatício, cuja atividade representa uma complementação do ensino recebido, necessária ao estudante, para a inserção futura no mercado de trabalho, e que estará sendo supervisionado pela instituição de ensino a que se vincula, responsável pelo programa de estágio (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - NOVA CARTILHA ESCLARECEDORA SOBRE A LEI DO ESTÁGIO Lei 11.788/2008).

Evidente que o papel do estágio é pedagógico, o que diferencia as relações de trabalho, mesmo nos casos de estágio no Ensino Superior e no Ensino Profissionalizante que se volta para uma profissão cujos conhecimentos estão sendo adquiridos, exigindo a contrapartida prática para a inserção do profissional que se prenuncia no mercado de trabalho.

O Estágio Supervisionado é um componente curricular que viabiliza a relação de conhecimentos teórico-práticos na formação inicial dos professores. Ludke e Cruz (2005, p. 85) usam a expressão “defeito congênito” para destacar a dificuldade do aluno em “articular teoria e prática”.

De acordo com Gisi, Martins e Romanowski (2009, p. 208), o estágio é entendido como uma oportunidade de inserção nas escolas de Educação Básica. Melhor dizendo, está inserido na realidade do contexto escolar, possibilitando a confrontação dos saberes acadêmicos e o entendimento de como se dão as relações de trabalho.

O diferencial do estágio Supervisionado no Curso de Letras é o compromisso na inserção das inovações metodológicas nos campos de estágios, como também

com os estagiários. Nesse sentido, o planejamento deve estar voltado para as inovações tecnológicas, como o uso de celular didaticamente, o letramento digital ou a alfabetização digital com acesso as redes sociais.

O próximo capítulo enfocará os letramentos, principalmente, o letramento digital.

3.2 Letramentos: da Alfabetização ao Letramento Digital

Este capítulo discute as concepções que amparam o letramento, em particular, o letramento digital e um ensino-aprendizagem centrado nas novas formas de ler e escrever nas redes sociais, a partir das contribuições da internet para a expressividade da comunicação criativa e interativa. Nesse sentido se fundamenta, entre outros, em autores como Cesca (2008), Lévy (1993), Soares (2002), Tajra (2008) e Kleiman (1995).

A presença e o uso das tecnologias são tão antigos quanto o ser humano (KENSKI, 2008). No decorrer de toda a história, o ser humano a partir da prática do que raciocinava com suas invenções e descobertas já produzia tecnologia. Desse modo, o desenvolvimento social e cultural do indivíduo sofreu constantes mudanças devido ao avanço contínuo das inovações tecnológicas. A grande marca desse avanço é a internet, importante aliada da sociedade contemporânea.

Na década de 1960, o processo de comunicação ganhou uma aliada que mudaria radicalmente as relações interpessoais, tanto no âmbito pessoal como no profissional e educacional – a internet, uma rede de comunicação digital com perfil de sistema descentralizado de informação (CESCA, 2005). Em 1974 é criada a Telenet, o primeiro serviço comercial de acesso à rede dos Estados Unidos.

A palavra Internet surgiu no ano de 1982, criada pelo cineasta Vinton Celf. Em 1991, ela sofre novo impacto e Tim Berns-Lee e Robert Cailliau criam a WWW (World Wide Web), assim definido por Pinho (2003, p. 33):

[...] a World Wide Web é fundamentalmente um modo de organização da informação e dos arquivos na rede. O método extremamente simples e eficiente do sistema de hipertexto distribuído, baseado no modelo cliente-servidor, tem como principais padrões o protocolo de comunicação HTTP [...].

A presença da internet no Brasil começou a dar seus primeiros passos em 1988, com a conexão com Bitnet (Because it's Time to Network) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1989, o Brasil entra na rede de comunicação global e em 1990 a internet dar início a sua estruturação no país pela RNP (Rede Nacional de Pesquisa). No ano de 1993, ocorreu a primeira conexão a distância entre São Paulo e Porto Alegre e, em seguida, a Embratel inicia algumas experimentações com a internet. Mas foi o ano de 1995 que marcou, definitivamente, o seu início no Brasil (CESCA, 2008).

Desde então, o Brasil tem buscado aperfeiçoar a disponibilidade dos serviços de internet que tem tomado grandes proporções no universo pessoal e profissional, refletindo diretamente na dimensão da sala de aula, seja na Educação Básica seja no Ensino Superior. Por esta razão ela deve ser vista e apreciada como mais um recurso didático-pedagógico no âmbito da educação, já que os alunos fazem uso desse recurso constantemente.

Hoje, não basta ler e escrever, mas se adequar às exigências da leitura e da escrita em meio à sociedade contemporânea, interagindo com as novas tecnologias, a internet e as redes sociais:

Percebemos que a internet está possibilitando que os adolescentes escrevam mais. Uma escrita que é inseparável de uma leitura e se constitui configurando um novo gênero discursivo. Passam horas diante da tela e, manuseando o teclado, entregam-se a uma escrita tecladacriativa (criando códigos apropriados ao novo suporte) espontânea, em tempo real, interativa. É uma escrita viva, natural, com uma função e dirigida a um ou vários interlocutores (FREITAS, 2009, pág. 53).

As mídias tornam-se, então, responsáveis por grande parte da formação dos educandos que buscam manter-se informados, atualizados, envolvidos com tudo que acontece dentro e fora da sua realidade. Esse acesso lhes permite a sensibilidade de entender o mundo como um espaço de acontecimentos simultâneos. Semelhantemente a um computador conectado à internet, várias janelas se abrem numa dimensão digital gigantesca, contendo informações sobre política, cultura, esporte, lazer, todos representados através de diversos gêneros textuais e diversas linguagens.

Como instituição formadora, é necessário que a escola se familiarize com as inovações tecnológicas, um novo desafio para a educação que se torna, a cada dia, mais globalizada. Aliar-se às tecnologias, no entanto, não é somente munir as

instituições de tecnologias, mas permitir aos alunos e professores o seu domínio e utilização, de modo que a aprendizagem seja beneficiada com esse recurso. O computador, o celular e outras ferramentas tecnológicas podem contribuir para o enriquecimento de uma aula com pesquisas, leitura, escrita, representações gráficas, enfim, para todos os componentes curriculares em que o professor deseje inovar esses recursos podem se tornar extremamente úteis.

Um dos maiores desafios da escola, senão o maior é “preparar” pessoas. Torná-las capacitadas para exercerem sua cidadania, fazê-las analisar os problemas cotidianos para, posteriormente, solucioná-los de acordo com as demandas. Logo se vê que educar na “era tecnológica” envolve centenas de valores que nascem na família, são sistematizados na escola e culminados na sociedade. Implica em conectar o aluno ao universo da interdisciplinaridade.

Administrar os conteúdos escolares utilizando ferramentas tecnológicas e assegurar aos jovens a orientação correta durante o acesso, só serão possíveis se o professor tiver conhecimento para o manuseio destas ferramentas, do contrário, elas não terão relevância nenhuma para a aprendizagem. Daí a necessidade do docente fazer formação nesta perspectiva. É imprescindível que o professor mantenha-se bem informado para a utilização desses recursos, pois, “de um modo geral, os jovens possuem maior familiaridade com as tecnologias do que seus professores”. (BRASIL, 2013. p. 26). Os jovens estão articulados, logo o docente precisa se reiterar para saber como trabalhar na sala com estas ferramentas.

A visão de Vianna (2004, p.44) em relação ao professor é de um profissional colaborador que ajude o educando a encontrar o caminho do conhecimento, bem diferente de modelos ultrapassados de educar que deixava o profissional no papel de “ditador” na sala de aula. O compromisso do professor com a educação que facilita e que promove meios práticos de se alcançar o conhecimento, inclui, sem sombra de dúvidas, a tecnologia. As novas tecnologias facilitam para o professor a socialização de conhecimentos com os discentes, no sentido da pesquisa em tempo real, ou seja na sala de aula, a explicação de conteúdos através de imagens, o jogo das cores, a comunicação e a informação através das redes sociais ou seja o hipertexto incrementa tanto o ensino como a aquisição de conhecimentos. Mas é imprescindível, planejar ações pedagógicas com o uso das tecnologias.

Por isso, torna-se fundamental o papel do estado na ampliação de ações e políticas educacionais que articulem as tecnologias à educação.

a tarefa pedagógica é ajudar os adolescentes a refletir sobre os ambientes digitais, ou seja, para que servem, como podem ser usados a favor das pessoas, os riscos que lhes são inerentes [...]; formar jovens que não sejam autômatos plugados em monitores, mas sim cidadãos que se posicionem de forma inteligente e crítica. (RAMAL, 2013/2014, p. 16)

Aceitar o desafio de educar a partir das mais variadas vias de acesso à aprendizagem afasta o professor do comodismo, da rotineira prática que não contribui para o seu nem para o desenvolvimento do aluno. Desta forma, o conhecimento deixa de ser propriedade de um agente em específico (o professor) e passa a ser prioridade coletiva (alunos e professores).

A escola parece ter perdido a “receita da disciplina”, pois a preocupante postura dos alunos com seus celulares é observada por todos os professores, em todas as aulas. Por outro lado, questiona-se o porquê da insistência em ficarem mexendo nos “aparelhinhos”, na maior parte do tempo. É como se estivessem chamando a atenção dos professores, suplicando uma atividade interativa diferente das tradicionais que traga para perto deles algo que se aproxime a sua realidade.

Não deixa de ser uma atitude natural os alunos despertarem interesse apenas pelo que julgam importante para si. Essa relevância é muito peculiar, o que pode ser interessante para o professor, nem sempre é o mais interessante para o aluno. Com o aparelho celular o estudante conecta-se ao mundo da música, jogos, notícias e bate papo, com qualquer parte do mundo. Um espaço amplo onde ele tem a liberdade de opinar com sua linguagem própria e não, necessariamente, a que aprendeu na escola. Um processo interativo, dinâmico que atende a todos os gostos e idades.

A velocidade com que as informações chegam até o aluno tem enriquecido a aprendizagem, porém, se ele, pelo excesso e a facilidade a essas descobertas, não traça um objetivo mediante uma educação bem alicerçada, poderá ficar perdido, sem saber exatamente o que quer, para onde ir. Essa realidade está, cada vez mais, presente nas escolas. Observam-se, com muita frequência, alunos antenados ao mundo da conectividade, desenvolvidos nos relacionamentos das redes sociais (facebook, whatsapp, instagram, twitter etc.), no entanto incapazes de responder questões ou solucionar situações comuns na sala de aula. Nesse caso, fazer uso educativo destes espaços.

Um dessas incapacidades, sem dúvida, diz respeito ao domínio e uso adequado da linguagem. Linguisticamente nos comunicamos por meio da linguagem oral e escrita, definidas pelas situações exigidas no ato comunicativo. No entanto, não podemos nos omitir diante da realidade social que nos cerca, considerando que não basta apenas ler e escrever, mas sim corresponder às exigências da sociedade contemporânea, bem como as novas formas de socialização, dentre elas a internet e as redes sociais.

Por esta razão, salienta-se a necessidade de compreensão dos textos presentes nesse universo tecnológico que ultrapassa a linearidade das produções até então estudadas ou lidas de maneira superficial, ou porque não dizer, mecânica. Em meio a esse processo de modernização e de inovação da produção não linear dos textos, surge o hipertexto. Para esse novo modelo de texto, Freire (2003, p. 47) aponta-nos que:

Ao lidar com uma variedade tão grande de possibilidade e de informações virtualizadas, a criança explora o pensamento não linear, sendo esta uma característica vista cada vez mais como necessária na sociedade contemporânea, principalmente porque o mundo atual é múltiplo, denso, fragmentado e marcado pela pluralidade. O modelo hipertextual de simultaneidade e não-linearidade é apresentado por Ramal (2002) como uma forma de leitura e escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental de pensamento, uma vez que este não apresenta limites para a atribuição de sentido às palavras.

Vê-se, no hipertexto, a oportunidade de despertar o desejo e o gosto por práticas de leitura e escrita. Uma vez que o hipertexto deixa o aluno à vontade para escrever livremente e, em meio à produção escrita, realiza outras atividades simultâneas. Os alunos podem aprender “brincando” no processo de interação com a mídia, realizando inclusive diversas atividades em tempo real e simultaneamente: escrever, ler, ouvir música, conversar com outras pessoas etc.

Lévy (1993, p.33) afirma que o hipertexto melhor se define como:

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrelas, de modo regular.

Nessa concepção vê-se que o texto é dinâmico e inacabado. Isto sugere ao leitor um trabalho contínuo de organização mediante intertextualidade, em que os textos contêm na base de seu interior outros textos. O hipertexto constrói-se a partir

de outros, de modo não sequencial e não linear, cabendo ao aluno sua organização e produção em tempo real.

Entre outros aspectos, Kock (2008) destaca as seguintes características do hipertexto: produção não linear e não sequencial, espacialidade topográfica, fragmentariedade, multissemiótica, interatividade, intertextualidade, conectividade e virtualidade. O hipertexto permite, ainda, que o leitor também seja autor, implicando que toda leitura torna-se um ato de escrita:

A linguagem digital é simples, baseada em códigos binários, por meio dos quais é possível informar, comunicar, interagir e aprender. É uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita” (KENSKI, 2007, p. 31).

Nas práticas cotidianas de sala de aula, as produções textuais dos alunos refletem as marcas dos hipertextos, da escrita utilizadas nas redes sociais. Isso de certa forma atrapalha o domínio do uso padrão da língua, pois da mesma forma que dialogam nos bate-papos com os amigos acabam transcrevendo o modo de falar para os textos. Importante ressaltar que esse modo de escrever se restringe à comunicação informal, por isso o aluno deve reconhecer que se trata de uma variante da língua, porém, em produções escritas, o que se exige é a norma padrão.

Diante dessas evidências faz-se urgente ao professor situar criteriosamente a utilização dos recursos tecnológicos como meios para dimensionar o processo de transformação da linguagem, dentro e fora da sala de aula. Nessa perspectiva, a compreensão sobre o papel do letramento digital na formação dos professores conduz a buscar concepções e práticas no curso de Letras, com a finalidade de aprofundar o papel que a formação e a prática da leitura contribuem para a vida dos formandos.

Concordamos com Rojo (2009), ao defender que um dos objetivos principais da escola é possibilitar a participação dos alunos nas várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.

3.3 Letramento Digital: outro modo de ler e escrever

O ato comunicativo nos impõe situações de comunicação linguística, por meio da linguagem oral e escrita. Diante disso, não se pode omitir a realidade social da época, pois não basta apenas se alfabetizar ou ler e escrever, mas sim dominar as exigências da sociedade contemporânea, bem como as novas formas de socialização e interação propostas pelos espaços de leitura e escrita virtuais, como a internet e redes sociais.

Segundo o dicionário de inglês online Michaelis, a palavra “letramento” é a versão para o português da palavra da língua inglesa “*literacy*”. Soares(2009) relata que *literacy* vem do latim *littera* (letra), com sufixo-cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser: “Ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (SORARES, 2009, p. 17).

Ao utilizar a palavra “letramento” busca-se nomear uma nova idéia, um novo fato, levando em consideração a função social da escrita. Segundo Kleiman (1995), o letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos.

Pode-se dizer que o letramento é uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida que permite ao indivíduo se apoderar de suas vantagens e desenvolver habilidades intelectuais (BARTON, 1998), uma vez que busca a eliminação da alfabetização mecânica, já denunciada por Freire (1975).

Letramento, em princípio, é algo bem distinto do conceito de alfabetização, uma vez que a alfabetização significa aprender a tecnologia de leitura e escrita, aquela em que o aprendiz domina as habilidades básicas ou iniciais para ler ou escrever, enquanto o letramento é a forma com que a pessoa faz uso da leitura e escritura em seu cotidiano. O alfabetizado seria aquele sujeito que adquire a tecnologia escrita, sabe decodificar os sinais gráficos do seu idioma, mas ainda não possui plenitude de suas habilidades de leitura e escrita, para assim poder ser denominado como um indivíduo letrado (KLEIMAN, 1995; SOARES, 1998).

Com base em Tfouni (1995, p. 20), o letramento é bem mais amplo do que o processo de alfabetização. Isso indica que o letramento implica no uso social das práticas de leitura e escrita, enquanto a alfabetização compreende-se pela aquisição da escrita de um indivíduo ou um grupo de indivíduos. Letramento não é pura e

simplesmente um conjunto de habilidades individuais: é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita, em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p. 72)

O letramento capacita o sujeito a ler, interpretar e a interagir, porque ele se coloca numa diversidade de situações de escrita, indo muito além do papel, ou seja, desloca-se do papel para os diferentes modos de práticas sociais, leitura e escrita virtuais. Neste sentido, convém destacar dois conceitos fundamentais - letramento e letramento digital. No primeiro caso, retoma-se especialmente a concepção de Soares (2002, p. 16), sobretudo, quando trata das facetas que compreendem a relação e, ao mesmo tempo, distinção entre a alfabetização e o letramento:

Em síntese, o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas.

No segundo caso, adota-se de modo particular a compreensão de Ferreira (2011, p. 438) sobre a alfabetização ou letramento digital, para a qual o desafio da sua incorporação às escolas deve ser precedido pela luta incessante em favor da própria alfabetização crítica e consciente:

Agora eu luto pelo acesso a livros e as TICs em todas as escolas. Mas eu não falo, porque eu acho que não é para falar, educação digital e alfabetização digital. Falo alfabetização, período. O que corresponde ao nosso espaço e tempo. Os leitores precisam criticar e duvidar da veracidade dos livros impresso em papel ou exibida na tela, texto ou imagem; Os leitores que procuram compreender outras línguas (quanto mais tempo ficam na Internet). Há menos que precisam ampliar a hegemonia do Inglês; ter uma visão global dos problemas sociais e políticos e se coloca no localismo estreito. Os leitores e produtores de língua escrita inteligente, alerta, crítico. E se sempre temos procurado. Tarefa difícil, então e agora. Internet ajuda, sem dúvida. Livros e bibliotecas também.

Observa-se, porém, que não se pode dissociar a alfabetização do letramento, uma vez que não se é possível letrar digitalmente, sem ser alfabetizado. Segundo Soares (2005), os dois processos precisam ocorrer simultaneamente e “apesar das distinções, há uma inadequada fusão dos dois processos com a prevalência do conceito de letramento”.

Para Kenski (2007), a educação e a tecnologia possuem uma relação indissociável, pois para que se possa aprender e saber mais, precisamos da educação e esta nos proporciona conhecer mais as tecnologias. Soares (2005, p. 16) acrescenta que a educação e a tecnologia têm, separadamente, suas especificidades:

[...] tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças [...].

Assim, ao associar educação com tecnologia temos o desenvolvimento de um tipo de letramento, o letramento digital. Este permite aos cidadãos tanto o uso de informações para apropriação de saberes, quanto para o convívio social de forma crítica e autônoma. É em tese a alfabetização digital, onde há possibilidade do desenvolvimento de habilidade de codificar e decodificar o sistema operacional das tecnologias. Neste modelo de inclusão social através do letramento digital, os indivíduos devem ter habilidades para manusear as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a partir de uma visão crítica, além de produzir conhecimento para a rede mundial de computadores.

O letramento digital, para Moreia (2012), é uma forma de ter acesso à informação e sua consequente utilização no cotidiano, é desenvolver as habilidades e competências de leitura e escrita em novos suportes tecnológicos. Assim sendo, o letramento digital refere-se à apropriação de uma tecnologia quanto ao exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no ciberespaço (VELLOSO, 2010).

Além de alfabetizado, para usufruir plenamente de todos os recursos possibilitados pelos computadores, o letramento digital requer que o indivíduo seja também minimamente letrado para estes domínios (SAITO; SOUZA, 2011). Para Buzato (2003, p.3), o letramento digital compreende um conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos do mundo contemporâneo.

Barton (1998) já ressaltava que existem diversas formas de letrar e defende que:

O letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há diferentes letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como filmes e computadores (letramento fílmico; letramento computacional) (BARTON, 1988, p. 9)

Conforme Souza (2007, p. 59), o letramento digital apresenta distintas definições e enquadra o letramento digital em duas dimensões: as restritas, que não levam em conta o contexto sócio cultural, histórico e político, demonstrado ser de uso meramente instrumental; e, as ampla, definidas pelo próprio autor “como uma complexa série de valores, práticas e habilidades situadas social e culturalmente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação.”

O letramento digital é uma prática de leitura e escrita diferente das formas tradicionais, uma vez que altera o modo de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais. Gilster (1997, p. 1) define letramento digital como “habilidade de entender e usar a informação em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes quando esta é apresentada via computadores.”.

O autor sugere, ainda, que existam quatro competências básicas para aquisição benéfica do letramento digital: a avaliação crítica de conteúdo; leitura utilizando o modo não linear ou hipertextual; aprender como associar as informações dessas diferentes fontes; e desenvolver habilidades de busca para lidar com a biblioteca virtual. Os pressupostos essenciais à leitura digital são a pesquisa na internet, o hipertexto, a navegação e a montagem, o conhecimento e avaliação de conteúdo. O letramento digital inclui, em sua prática, o uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador, tudo isso mostrando afinidade com as normas que regem a comunicação entre pessoas (CARMO, 2003).

Além disso, Buzato (2006, p. 16) entende:

Letramentos Digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente, por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais, geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (BUZATO, 2006, p.16)

O autor descreve que existem três tipos de estágios do letramento digital: o iletrado eletrônico, incapaz de atribuir qualquer sentido a uma palavra qualquer no computador; o semiletrado que conhece o básico e é capaz de identificar boa parte

das teclas, palavras etc; e, o letrado, que, além do conhecimento das propriedades de texto, dispõe também das regras e convenções do mundo digital.

O letramento digital requer, dessa forma, saber pesquisar e manejar diferentes ferramentas disponíveis para cumprir os propósitos variados e, assim, permitir aprender, construir, transformar e compartilhar o conhecimento, sempre utilizando os recursos da web. Freitas (2010, p. 339-340), aliás, concebe o letramento digital como um processo complexo:

O conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio de computador – internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente. (FREITAS, 2010,)

Utilizar a informação de maneira crítica e estratégica passa a ser fundamental, mesmo porque os recursos tecnológicos mudam assustadoramente, com grande impacto entre os usuários, provocando alterações em torno das situações de aprendizagem quanto à leitura e escrita. A partir daí, segundo Crystal (2007), configura-se outro mundo linguístico, tendo em vista fenômenos como a globalização e a Internet, fazendo surgir outros tipos de categorias ou classificações para os gêneros textuais.

Reconhecido como fenômeno que caracteriza a situação/condição em que os sujeitos se encontram quanto às competências leitoras e escritoras, o letramento digital pressupõe que, se os indivíduos estão inseridos em práticas de leitura e escrita digitais (convivem e interagem com pessoas ou grupos sociais letrados digitalmente), tendem ao domínio da compreensão e produção textual. Neste sentido, Soares (1998, p. 145) concebe o letramento como “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita.”

Dessa forma, pressupõe-se que as modalidades de tecnologias consideradas como instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, influenciam, categoricamente, na construção, desconstrução, organização e reorganização dos papéis dos sujeitos frente ao seu tempo. O que contribui para que o indivíduo possa, segundo Xavier (2005), ser um sujeito participativo, refletindo e decidindo os caminhos da comunidade na qual faz parte e lutando pelas situações que o

determinam como sujeito histórico. Daí acreditar que o letramento digital vem para ressignificar e/ou transformar a aplicação tradicional de práticas de leitura e escrita.

Os avanços quanto aos estudos científicos sobre letramento digital não se restringem à Educação Básica. Percebem-se implicações, também, nas licenciaturas. Nos cursos de graduação em Letras, compreende-se que não deve ocorrer a apropriação de práticas de letramento digital apenas em disciplinas isoladas, incluindo o Estágio Supervisionado. Precisa-se incorporar, ao longo de toda a graduação, um processo de formação do agente, com a devida fundamentação teórica e prática, preocupação que pretendemos evidenciar, nos próximos capítulos, abordando as possibilidades apresentadas pelo letramento digital nos cursos de formação, a partir do olhar sobre a FIP e da UEPB.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos de pesquisa, incluindo o universo e sujeitos abordados, bem como as técnicas de coleta e análise dos dados. A pesquisa, conforme Andrade (2009, p. 111), compreende “o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

Tendo em vista a amplitude e historicidade do fenômeno investigado, o presente estudo toma como base a metodologia qualitativa de natureza exploratória e descritiva, subdividida basicamente em três etapas - pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Enquanto a primeira foi essencial à fundamentação teórico-conceitual do objeto de estudo e a segunda mostrou-se importante para entender os seus condicionantes político-institucionais, a terceira etapa contribuiu para exigir do pesquisador um encontro mais direto com a realidade, permitindo conhecer e estudar o espaço onde ocorre o fenômeno estudado.

Bogdan e Biklen (1994), Santos (2000), Minayo (1992), Almeida e Pinto (1999), entre outros, ressaltam que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e mostram as possibilidades para compreendermos, de forma sistemática, sua natureza. Laville e Dione (1999, p. 43) observam que se deve respeitar mais o real, notadamente, quando se trata do real humano: “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis; deixemos falar o real a seu modo e o escutemos”.

Segundo Geertz (1987, p. 36), faz-se importante anotar o significado das ações particulares dos atores, esclarecendo, tanto quanto possível, o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado e sobre a vida social. Por isso que ambos, a coleta e a análise dos dados, não podem ser compreendidos como ações distintas. Tanto a análise quanto a interpretação vão se tecendo de forma interativa com a coleta de dados, permeando todo o processo (TRIVIÑOS, 1987; ALVES-MAZZOTI, 1999).

4.1 Universo e Sujeitos da Pesquisa

O universo da pesquisa, segundo Minayo (1992), representa uma realidade empírica apropriada a ser estudada. No caso do presente estudo, escolheram-se duas Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas no interior da Paraíba, respectivamente, no Sertão e Alto Sertão do Estado.

Trata a primeira das Faculdades Integradas de Patos (FIP) e, a segunda, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no campus IV, localizado na cidade de Catolé do Rocha. A pesquisa aborda, mais especificamente, o Curso de Licenciatura Plena em Letras da FIP e da UEPB, na perspectiva de compreender como ambas, seja isolada seja comparativamente, incorporam o letramento digital no projeto pedagógico e, particularmente, no âmbito do Estágio Supervisionado.

Ressalte-se que o espaço determinado para o estudo não representa a totalidade das IES ali existentes. Geertz (1989) lembra que se podem estudar diferentes coisas em diferentes locais e, diante disso, a escolha das duas instituições consistiu em compreender o letramento digital concebido e aplicado por uma faculdade de natureza particular e uma universidade pública. Essa opção se deu pela finalidade de assegurar a possibilidade de comparação entre ambas, com o objetivo de verificar a articulação entre os projetos pedagógicos que regem o Curso de Letras e as práticas de ensino e aprendizagem envolvendo as tecnologias digitais.

Os sujeitos da pesquisa, por sua vez, são os professores de Estágio Supervisionado do Curso de Letras da FIP e da UEPB. O critério de escolha foi a proximidade com a pesquisadora e a aceitação dos docentes em colaborar com o estudo.

A seleção dos sujeitos baseou-se em Marconi e Lakatos (1996) que tratam a amostra como uma parcela do universo por compreenderem um grupo de representatividade da população geral. Além disso, conforme Deslandes (1994, p. 43), faz-se importante levantar a seguinte questão: “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?”.

No Curso de Letras da FIP, há um total de 25 professores, dos quais três são supervisores do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I, II, III e IV e Língua Inglesa I, II, III e IV.

Quadro 01 - Supervisores do Estágio Supervisionado do Curso de Letras - FIP

Nº	Formação Acadêmica	Período	Componente Curricular
1	Especialista	3º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I
2	Mestre	4º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II
		5º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa III
		6º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa IV
3	Doutora	3º	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I
		4º	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II
		5º	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa III
		6º	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa IV

Vale destacar que o estágio supervisionado no Curso de Letras-FIP realiza-se com três professoras, sendo uma professora de Língua Portuguesa com o estágio supervisionado em Língua Portuguesa I e outra professora para estágio supervisionado em Língua Portuguesa II, III e IV. Quanto ao estágio supervisionado em Língua Inglesa é destinado a uma só professora, esta é responsável pelo Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I, II, III e IV. A coordenadora do Estágio supervisionado é a professora do Estágio Supervisionado em Língua Inglesa. A mesma trabalha em regime de trabalho integral, com 40h/a, sendo dedicada 10h/a para a coordenação e 12h/a para a aplicação do estágio supervisionado nas escolas campo.

O estágio supervisionado em Língua Portuguesa e Língua Inglesa I é aplicado do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em escolas públicas municipais e estaduais do município de Patos. Compreende uma carga-horária de 40h/a, para cada estágio, sendo distribuída da seguinte maneira, 20h/a para observação em sala de aula; 10h para estudo e elaboração dos documentos que preconizam o referido estágio e 10h para elaboração do relatório de atividades ocorridas durante o estágio supervisionado. Como posto na tabela, este estágio acontece com os discentes do 3º período de Letras.

No que diz respeito ao estágio supervisionado em Língua Portuguesa e Língua Inglesa II, os estagiários pertencem ao 4º período do Curso. É aplicado de 6º ao 9º ano do Fundamental, com uma carga horária de 60h/a, sendo distribuída da seguinte maneira : 30h/a para a regência em sala de aula; 15h/a para a elaboração dos documentos do estágio, como fichas, planos de curso, planejamentos, entre

outros e 15h/a para orientação, elaboração e apresentação do relatório das atividades do estágio.

Quanto ao estágio supervisionado em Língua Portuguesa e Língua Inglesa III pertencem aos estagiários do 5º período do Curso e diz respeito á aplicação de observação nos 1º, 2º e 3º anos, em sala de aula do Ensino Médio. Neste estágio é aplicado um projeto de Letramento Digital. Possui uma carga-horária de 40h/a. Sendo distribuída da seguinte maneira: 20h/a para observação em sala de aula; 10 h/a para planejamento, estudo e preenchimentos das fichas de observação, avaliação e 10h/a para orientação e elaboração do relatório de estágio.

Em relação ao estágio supervisionado em Língua Portuguesa e Língua Inglesa IV, compreende uma carga-horária de 60h/a. Senso distribuída da seguinte maneira: 30 h/a para regência em sala de aula ; 15h/a para planejamento, estudo e outras atividades e 15h/a para orientação e elaboração do relatório. Neste período trabalha-se, também com um cursinho pré-vestibular solidário . É aplicado nos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Quadro 02 - Supervisores do Estágio Supervisionado do Curso de Letras - UEPB

Nº	Formação Acadêmica	Período	Componente Curricular
1	Mestre	4º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I
2	Mestre	5º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II
3	Mestre	6º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa III
		7º	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa IV

Com base no PPC do Curso de Letras da UEPB, o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa constitui-se de 420h/a . Possui três professores, sendo um deles o coordenador.

O estágio supervisionado em Língua Portuguesa I possui 105h/a, é aplicado pelos discentes do 4º período. A carga-horária é dividida da seguinte maneira: 50h/a para observação no Ensino Médio e Ensino Fundamental; 25h/a para planejamento, estudos e preenchimento de fichas; 25h/a para orientação e elaboração do relatório técnico-científico.

O estágio supervisionado em Língua Portuguesa II possui 105h/a, é aplicado pelos discentes do 5º período. A carga-horária é dividida da seguinte maneira: 55h/a para regência no Ensino Fundamental; 25h/a para planejamento, estudos e

preenchimento de fichas; 25h/a para orientação e elaboração do relatório técnico-científico.

O estágio supervisionado em Língua Portuguesa III possui 105h/a, é aplicado pelos discentes do 6º período. A carga-horária é dividida da seguinte maneira: 55h/a para regência no Ensino Médio; 25h/a para planejamento, estudos e preenchimento de fichas; 25h/a para orientação e elaboração do relatório técnico-científico.

O estágio supervisionado em Língua Portuguesa IV possui 105h/a, é aplicado pelos discentes do 7º período. A carga-horária é dividida da seguinte maneira: 55h/a para regência no Ensino Médio; 25h/a para planejamento, estudos e preenchimento de fichas; 25h/a para orientação e elaboração do relatório técnico-científico.

4.2 Técnicas de Coleta e Análise dos Dados

A primeira etapa da presente pesquisa compreendeu a realização de levantamento bibliográfico e consequente revisão da literatura pertinente, sobretudo, às temáticas formação docente, formação inicial de professores, Estágio Supervisionado e letramento digital. A discussão em torno de tais temáticas tem permeado todos os âmbitos sociais e educacionais, recebendo atenção de uma série de autores, como Antunes (2003), Arruda (2004), Bakhtin (2003), Fazenda (1991), Freire (1996), Freitas (2008), Geraldi (1984; 1998), Kleiman (1995; 2007; 2008), Mattos e Silva (2004), Nóvoa (1991, 1992), Pacheco (2007), Peres e Zanini (2008; 2010), Pimenta & Lima (2004), Soares (1998, 2002) e Villardi (2008).

No caso da segunda etapa foi feita a análise documental da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e das Diretrizes Curriculares do Curso de Letras. Realizou-se, complementarmente, a revisão do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras da FIP e da UEPB, objetivando identificar suas orientações quanto à importância do letramento digital na formação inicial dos graduandos, com ênfase sobre o componente curricular Estágio Supervisionado. Em termos documentais, ainda, foram consultados os planos de curso dos professores supervisores envolvidos na pesquisa.

A terceira etapa de coleta de dados, compreendendo a pesquisa de campo, envolveu dois instrumentos – aplicação de questionário e observação, ambos necessários para atender os objetivos de dimensionar as falas e as práticas de leitura e escrita digitais. Seguindo a indicação de Gil (2007), optou-se por utilizar o

questionário autoaplicado que se trata de um questionário, com perguntas abertas e fechadas, proposto por escrito aos participantes da pesquisa para responderem longe do pesquisador, no momento e local julgados por eles como convenientes.

Esse tipo de procedimento se aproxima da entrevista estruturada, com alternativas de respostas previamente estabelecidas. Segundo Martins (2008) e Richardson (2008), o questionário autoaplicado é um importante instrumento de coleta de dados em pesquisa social.

O número e tipos de questões colocadas no questionário foram basicamente suficientes e coerentes com os objetivos, problemas e a temática em questão. Richardson (2008) mostra que o limite de questões de um questionário depende da complexidade das informações a serem coletadas ou da responsabilidade do pesquisador de delimitar a natureza, o tamanho e o conteúdo do mesmo, como também do reconhecimento e respeito para com os sujeitos pesquisados.

Ludke e André (1986, p. 36) chamam atenção sobre esse último ponto:

Tratando-se de pesquisa sobre o ensino, a escola e seus problemas, o currículo, a legislação educacional, a administração escolar, a supervisão, a avaliação, a formação de professores, planejamento do ensino, as relações entre a escola e a comunidade, enfim, toda esta vasta rede de assuntos que entram no dia-a-dia do sistema escolar, podemos estar seguros de que, ao entrevistarmos [ou aplicarmos questionários] professores, diretores, orientadores, supervisores e mesmo pais de alunos não lhes estaremos certamente impondo uma problemática estranha, mas, ao contrário, tratando com eles de assuntos que lhes são muito familiares sobre os quais discorrerão com facilidade.

A observação foi o segundo instrumento adotado durante a pesquisa de campo, compreendendo o acompanhamento e avaliação das práticas de letramento digital dos professores de Estágio Supervisionado em sala de aula. Sobre a observação, Laville e Dione (1999, p. 176) afirmam:

A observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese cujo papel essencial – é um *leitmotiv* desta obra [...]. Não é, pois, surpreendente que a observação tenha também um papel importante na construção dos saberes, no sentido em que a expressão é entendida em ciências humanas. Mas, para ser qualificada de científica, a observação deve respeitar certos critérios, satisfazer certas exigências: não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado; esse serviço deve ser rigoroso em suas modalidades e submetido a críticas nos planos da confiabilidade e da validade.

Segundo os autores, a observação simples é feita com o auxílio de uma caderneta para o registro das anotações, as quais deverão ser transcritas e complementadas num diário de campo, tradicional instrumento de pesquisa antropológica. Observar um fenômeno social, de acordo com Triviños (1987, p. 153) sugere ressaltar aspectos singulares para “descobrir seus aspectos aparentais e mais profundos [...] ao mesmo tempo, de contradições, dinamismo e relações”.

De acordo com Ludke e André (1986, p. 30), o conteúdo das observações feitas nas abordagens qualitativas é determinado basicamente pelos objetivos do estudo, sendo importante que “nem termine com um amontoado de informações irrelevantes nem deixe de obter certos dados que vão possibilitar uma análise mais completa do problema”.

O conteúdo das observações deve envolver, portanto, uma parte descritiva e uma parte mais reflexiva. A primeira compreende o registro detalhado do que será observado e a segunda requer anotações relacionadas às observações pessoais do pesquisador, como percepção de problemas, especulações, dúvidas e surpresas.

Com base nessas orientações adotou-se como modelo o seguinte roteiro de observação descritiva das atividades de letramento digital dos professores supervisores envolvidos na pesquisa:

- a) identificação do tipo de ferramenta tecnológica utilizada;
- b) descrição sobre as explicações e esclarecimentos oferecidos pelos supervisores;
- c) descrição do comportamento e atitudes dos alunos no decorrer das atividades: tranquilidade, tensão, desânimo, dúvida, rejeição, indiferença etc.

No caso da observação reflexiva foram feitas anotações sobre:

- a) reflexões analíticas relacionadas aos temas que emergiram no decorrer das atividades, com ênfase nas associações e relações entre ideias e conceitos tradicionais e novas práticas de ler e escrever;
- b) dilemas éticos e conflitos entre docentes e discentes por causa da ferramenta tecnológica.

Por último, adotou-se a Análise de Conteúdo na sistematização, descrição e discussão dos dados. Segundo Bardin (2009), o verdadeiro objetivo da Análise de Conteúdo é a inferência dos elementos essenciais dos dados, na medida em que permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características das informações que foram obtidas:

[...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, onão-aparente, o potencial de inédito [do não-dito], retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de 'desocultação', responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico (BARDIN, 2009, p. 11).

Trata-se da desmontagem de um conteúdo e da produção de um novo, através de um processo de localização-atribuição de traços de significação que deve manter uma estreita vinculação com a teoria escolhida pelo investigador, a fim de cumprir com os objetivos propostos em sua pesquisa (VALA, 1986). Segundo Pais (2003), a Análise de Conteúdo não se limita à superfície textual, podendo expressar os sentidos subjacentes que estão nas entrelinhas, sejam dos textos ou das falas.

5 LETRAMENTO DIGITAL NO CURSO DE LETRAS DA FIP E DA UEPB

No presente capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa realizada, a partir da sistematização, descrição e discussão dos dados coletados e analisados mediante a pesquisa documental e de campo. A preocupação central aqui é, à luz da fundamentação bibliográfica adotada, examinar e compreender como os cursos de Licenciatura Plena em Letras da FIP e da UEPB trabalham as tecnologias na formação inicial do professor. Mais especificamente, a ênfase reside em abordar e cotejar as concepções, objetivos e contribuições do Estágio Supervisionado para a formação e prática pedagógica no campo do letramento digital.

Neste sentido, parte-se do pressuposto de que as discussões em torno do ensino e das Diretrizes Curriculares do Curso de Letras devem ser constantes sobre a ação docente, baseando-se nas orientações que norteiam sua formação e prática. No caso em particular, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), comprometido com uma formação inicial capaz de assegurar uma capacitação profissional competente e crítica que deve estar associada aos referenciais educacionais exigidos pelo mundo contemporâneo, para que se evite uma prática ancorada no achismo ou empirismo.

5.1 Estrutura das Faculdades Integradas de Patos (FIP)

As Faculdades Integradas de Patos (FIP) estão situadas no município de Patos, localizado na porção central do Estado da Paraíba, na mesorregião do Sertão paraibano. A cidade se apresenta como segundo maior e mais importante centro urbano do interior do Estado, contando com pouco mais de cem mil habitantes. Constitui-se em pólo para onde convergem dezenas de municípios, destacando-se na região como referência nos setores de comercialização, prestação de serviços, assistência médica e, principalmente, educação.

Criada como primeira Instituição de Ensino Superior do município, a FIP tem origem na Faculdade de Ciências Econômicas de Patos, mantidas pela Fundação Francisco Mascarenhas (FFM). Fundada em 1964, pelo empreendedor José Gomes Alves, a partir de meados de 1990 a Fundação passou a ser gerida pelo seu filho e atual presidente João Leuson Palmeira Gomes Alves. Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 3722, de 1973, é dotada de autonomia

administrativa e econômico-financeira, organizada com a missão de promover Educação Superior e suas áreas correlatas pelo aprimoramento da relação ensino-aprendizagem, da pesquisa e da extensão.

Logo após a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, foram criadas as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Agronomia e Medicina Veterinária. Não sendo reconhecidas as duas últimas, seus equipamentos e instalações foram doados à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que estava iniciando seu processo de interiorização. Posteriormente, o curso de Agronomia foi substituído pelo de Engenharia Florestal e permaneceu o de Medicina Veterinária, ambos pertencentes hoje à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O prédio da então Faculdade de Filosofia, construído no bairro do Belo Horizonte, deu lugar posteriormente à FIP que, além de uma série de cursos de pós-graduação *lato sensu*, funciona atualmente com os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Direito, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Jornalismo, Letras, Medicina, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia e Sistemas de Informação. Os cursos de Ciências Econômicas, Licenciatura em História e Geografia encerraram suas atividades, devido a não existência de demanda, conforme prescreve as normas de funcionamento da IES.

Os cursos de graduação contam com ampla infraestrutura física multiusuário, incluindo biblioteca, brinquedoteca, auditórios, centro desportivo, praça de alimentação e centro de convivência. Entre outras instalações, a FIP oferece ainda sala de professores, núcleos jurídicos, laboratórios de informática, clínicos e de línguas para atender à comunidade universitária e em geral. Além disso, possui unidades de apoio didático e acadêmico, como Comitê de Ética, Comissão Própria de Avaliação (CPA), Comissão de Pesquisa e Extensão (COOPEX) e Núcleo de Acompanhamento às Atividades Pedagógicas dos Professores (NADIP).

Hoje, a FIP reúne em torno de 200 profissionais, entre professores especialistas, mestres e doutores, equipe gestora e servidores técnico-administrativos. O corpo discente compreende mais de cinco mil estudantes que contam com o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

5.1.1 Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Letras da FIP

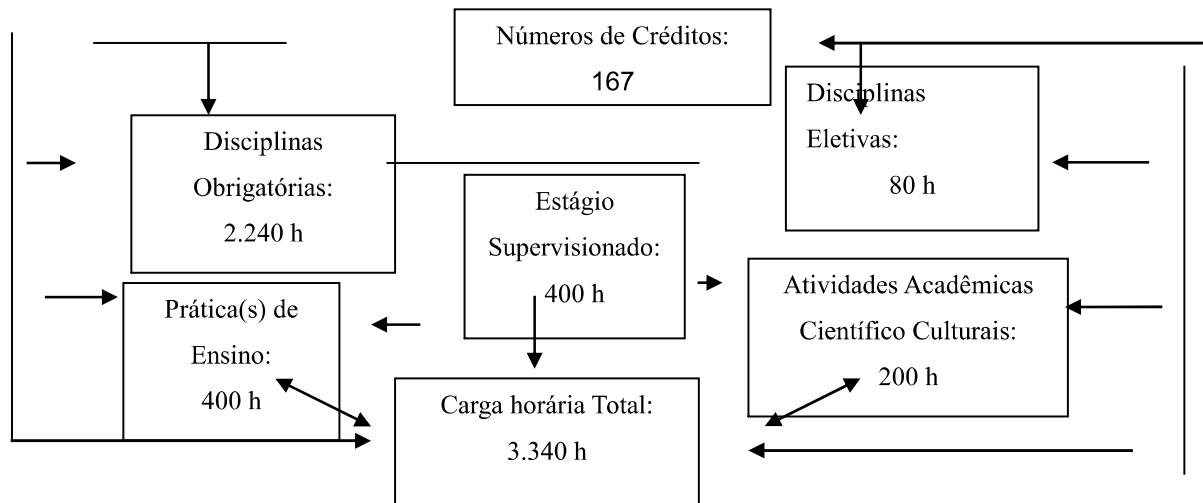
O Curso de Licenciatura Plena em Letras da FIP tem mais de 40 anos em funcionamento, tendo graduado boa parte do magistério do interior da Paraíba. Ele foi autorizado a funcionar através do Decreto Federal nº 66.558, de 12 de maio de 1970, sendo reconhecido pelo decreto de nº 81.094, de 21 de dezembro de 1977. O prédio destinado ao curso compreende um anexo da FIP, contando com seis salas de aula que acomodam, em média, 20 alunos.

O ingresso no curso é semestral, por meio de concurso vestibular, transferência interna ou externa e reingresso. O corpo discente é composto, aproximadamente, por cem alunos, parte residente em Patos e outra parte oriunda de cidades circunvizinhas. O corpo docente é constituído por 20 professores, sendo dois especialistas, quinze mestres e três doutores, habilitados em língua portuguesa, língua inglesa, linguística, literatura, prática de ensino e Estágio Supervisionado, além de componentes curriculares comuns.

De acordo com a sua concepção, o curso tem como missão ser na região uma agência de formação, socialização e produção do conhecimento. Busca-se a formação de um profissional com caráter humanista e conhecimento linguístico-cultural.

Compete a esse profissional ter uma atuação contínua na dinâmica do ensino da língua e na qualidade e produção científico-literária no contexto educacional. Além do domínio do uso da(s) língua(s) que sejam objeto de seu estudo, no que se refere a sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, pretende-se formar um professor conhecedor da pluralidade cultural e das variações linguísticas, tanto regionais como nacionais.

O curso oferece Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa e Literaturas respectivas. A integralização curricular compreende uma duração de três anos e meio, funcionando no turno noturno, com carga horária de 3.340 horas, distribuída conforme o Diagrama 01.

Diagrama 01 - Estrutura Curricular do Curso de Letras da FIP

A distribuição da carga horária, portanto, compreende essencialmente os seguintes eixos didático-pedagógicos:

- 2.240 horas de disciplinas de caráter obrigatório, distribuídas ao longo de todo o curso, permitindo ao aluno o aprofundamento de estudos;
- 80 horas de disciplinas eletivas, permitindo ao graduando cursar conteúdos específicos;
- 400 horas de Prática de Ensino, distribuídas entre o 3º e o 6º período letivo.

O Estágio Supervisionado, por sua vez, é realizado a partir da segunda metade do curso, em escolas de Ensino Fundamental e Médio, uma vez por semana, em horário oposto ao utilizado para comprimento da carga horária relativa às disciplinas da matriz curricular. O componente tem duração de 400 horas, distribuídas da seguinte forma:

- 3º Período (40h) Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I;
- 3º Período (40h) Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I;
- 4º Período (40h) Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II;
- 4º Período (40h) Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II;
- 5º Período (60h) Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa III;
- 5º Período (60h) Estágio Supervisionado em Língua Inglesa III;
- 6º Período (60h) Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa IV;
- 6º Período (60h) Estágio Supervisionado em Língua Inglesa IV.

Complementarmente são destinadas 200 horas para participação em Atividades Acadêmicas Científico Culturais, fora da matriz curricular, permitindo o enriquecimento da formação do licenciando, ao longo de todo o curso. Elas estão articuladas aos demais eixos e são obrigatórias para a integralização curricular, envolvendo entre outras: seminários, exposições, participação em eventos, estudos de caso, monitorias, projetos de ensino e relatórios de pesquisas.

Quadro 03 - Adequação e Dimensionamento da Carga Horária

Dimensões	Carga Horária	Créditos
Disciplinas de Formação Geral	600h	30
Disciplinas de Formação Específica	1.640h	81
Disciplinas de Formação Comum	560h	27
Disciplinas Eletivas	80h	04
Atividades Acadêmicas Científico Culturais	200h	10
Estágio Supervisionado	400h	20
Total	3.340h	172

Conforme se observa no Quadro 03, as disciplinas de formação geral representam um percentual de 17,24% da carga horária total do curso, relacionadas da seguinte forma: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Didática Geral, Filosofia da Educação, Políticas Públicas Educacionais, Antropologia Cultural, Legislação de Ensino, Avaliação da Aprendizagem, Planejamento Educacional e Libras.

As disciplinas de formação profissional específica representam um percentual de 47,12% da carga horária total do curso, assim relacionadas: Língua Portuguesa I, II, III, IV, V e VI; Língua Inglesa I, II, III, IV, V e VI; Língua Latina I e II; Linguística I, II e III; Teoria Literária I e II; Literatura Portuguesa I e II; Literatura Brasileira I, II, III; Literatura Infanto-Juvenil; Literatura Popular; Literatura Inglesa; e Literatura Norte-Americana.

Já as disciplinas de formação profissional comum correspondem a 16,09% da carga horária total do curso, distribuídas da seguinte maneira: Metodologia da pesquisa; Prática de Ensino em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental; Prática de Ensino em Língua Portuguesa no Ensino Médio; Prática de Ensino de Língua Portuguesa: Literatura no ensino Médio; Prática de Ensino em Língua Inglesa no Ensino Fundamental; Prática de Língua Inglesa no Ensino Médio; Prática de Ensino

de Língua Inglesa: Literatura no ensino Médio; Prática de Ensino em Projetos Educacionais; Prática Docente: Oficina de Língua Inglesa; e Prática Docente: Oficina de Língua Portuguesa.

Equivalendo a um percentual de 2,30% da carga horária total do curso tem-se as disciplinas eletivas, assim distribuídas: Análise do Discurso, Introdução à Literatura Comparada, Sociolinguística, Tópicos Especiais em Literatura Inglesa, Ética Profissional, Linguística da Língua Inglesa, Literatura Popular, Filologia e Língua Portuguesa. Elas poderão ser efetivadas através de seminários, eventos ou cursos de extensão, devidamente credenciados pela Coordenação do Curso.

As Atividades Acadêmicas Científico Culturais compreendem um percentual de 5,75% da carga horária total do curso e recebem apoio do Programa de Tutoria que desenvolve encontros e atendimentos, orientando os alunos para as atividades institucionais e extra-institucionais. O Estágio Supervisionado, finalmente, representa 11,50% da carga horária total do curso.

5.2 Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Catolé do Rocha (UEPB)

O Campus IV da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) tem origem no Colégio Agrícola, criado em 1952 pelo Governo Federal na cidade de Catolé do Rocha, situada também na mesorregião do Sertão paraibano. Contando, aproximadamente, com 30 mil habitantes, o município possui 54 estabelecimentos de ensino, sendo 13 estaduais, 37 municipais e quatro particulares. Em 1979, o colégio foi transformado em Escola Estadual Agrotécnica do Cajueiro e, uma década depois, incorporado à UEPB que, em 2004, instalou ali o Centro de Ciências Humanas e Agrárias.

Além do Curso Técnico em Agropecuária de Nível Médio, o centro oferece os cursos de Licenciatura em Ciências Agrárias, Licenciatura em Letras e os bacharelados em Geografia e Administração Pública (modalidade à distância), além de curso de pós-graduação *lato sensu*. Neste sentido, atende a uma clientela que, pela sua localização geográfica, teria dificuldades para prosseguir seus estudos, uma vez que deveria se deslocar para centros urbanos maiores, a fim de obter a formação superior.

Dessa forma, tomando por base o projeto vigente no Campus IV, O Curso de Licenciatura Plena em Letras foi criado pela RESOLUÇÃO/UEPB/CONSUNI/21/03

de 19 de Agosto de 2003 e reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação-CEE/314/2007 de 06 de dezembro de 2007, com habilitação em Língua Portuguesa e carga-horária de 3.600 (três mil e seiscentas) horas-aula, funcionando no turno diurno e período de integralização de no mínimo 3,5 (três anos e meio) – tempo mínimo 5,5 (cinco anos e meio) – tempo máximo.

O Curso de Letras tem como objetivo geral formar profissionais da Área de Letras competentes para a ação pedagógica de professor/pesquisador envolvido politicamente com ações que o dimensionem numa perspectiva humanística, científica e cultural, consciente de seu papel de orientador da aprendizagem, com posicionamento crítico a respeito de si mesmo e da realidade circundante.

Considerando a multiplicidade de papéis que o graduado em Letras pode exercer em sua profissão, as habilitações no referido curso pretendem desenvolver no profissional de Letras, a capacidade de: Compreender os fatos da linguagem, sobretudo da linguagem verbal, nos planos escrito e oral, à luz de diversas teorias, sem o aprisionamento teórico a modelos unívocos, mas numa perspectiva ampla que contemple as mais recentes pesquisas no campo da linguagem, sem esquecer os modelos clássicos que lhes deram origem; Aplicar esses conhecimentos a problemas do processo ensino/aprendizagem, numa perspectiva que contemple o texto e o discurso, na sua diversidade de gêneros, como motivadores do estudo da língua; Desenvolver pesquisas no campo da linguagem, direcionadas para o ensino, viabilizando um exercício humanista que considere o educando como sujeito de seu espaço e de seu tempo; Atuar como agente transformador da realidade, engajado numa dimensão política de formação cidadã mediante o domínio ativo e crítico de um repertório representativo das obras literárias da língua (para cujo ensino está habilitado); Refletir sobre a linguagem na sua forma mais elaborada: a Literatura; entre outros.

A carga horária total do Curso de **Letras com Habilitação em Língua Portuguesa** corresponde a 3.600 (três mil e seiscentas) h/a. A integralização curricular será cumprida no tempo mínimo de 3,5 (três anos e meio) e no máximo de 5,5 (cinco anos e meio).

5.2.1 Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Letras da UEPB

O Curso de Licenciatura Plena em Letras da UEPB, em Catolé do Rocha, foi criado em 2003 e reconhecido em 2007, com habilitação em Língua Portuguesa. Busca formar profissionais competentes para a ação pedagógica de professor e pesquisador, envolvido com ações que o dimensionem numa perspectiva humanística, científica e cultural, consciente de seu papel de orientador da aprendizagem, com posicionamento crítico a respeito de si mesmo e da realidade circundante.

Considerando a multiplicidade de papéis que o professor de Letras pode exercer na sua prática pedagógica, o curso pretende desenvolver as seguintes competências e habilidades:

- compreender os fatos da linguagem, sobretudo da linguagem verbal, nos planos escrito e oral, à luz de diversas teorias, sem o aprisionamento teórico a modelos unívocos, mas numa perspectiva ampla que contemple as mais recentes pesquisas no campo da linguagem, sem esquecer os modelos clássicos que lhes deram origem;
- aplicar esses conhecimentos a problemas do processo ensino/aprendizagem, numa perspectiva que contemple o texto e o discurso, na sua diversidade de gêneros, como motivadores do estudo da língua;
- desenvolver pesquisas no campo da linguagem, direcionadas para o ensino, viabilizando um exercício humanista que considere o educando como sujeito de seu espaço e de seu tempo;
- atuar como agente transformador da realidade, engajado numa dimensão política de formação cidadã, mediante o domínio ativo e crítico de um repertório representativo das obras literárias da língua;
- refletir sobre a linguagem na sua forma mais elaborada

A integralização curricular do curso perfaz uma carga-horária de 3.600 horas, funcionando no turno diurno, com duração de três anos e meio.

Quadro 04 – Distribuição das Atividades Curriculares

Atividades	Carga Horária
Atividades Básicas	1800
Atividades Didático-Pedagógicas	1040
Atividades Complementares	400
Atividades Eletivas	160
Atividades Acadêmico Científico Culturais	200
Total	3600

Quanto à distribuição, o currículo do curso prevê 50% de Atividades Básicas, 29% de Atividades Didático-Pedagógicas, 11,1% de Atividades Complementares, 4,4% de Atividades Eletivas e 5,5% de Atividades Acadêmico Científico Culturais, apresentadas mais detalhadamente no Quadro 04.

Quadro 05 – Distribuição da Carga Horária no Curso de Letras da UEPB

Atividades Básicas	
Componentes Curriculares	Carga Horária
Língua Portuguesa I	60 h/a
Língua Portuguesa II	60 h/a
Língua Portuguesa III	90 h/a
Língua Portuguesa IV	60 h/a
Língua Portuguesa V	60 h/a
Língua Portuguesa VI	60 h/a
Linguística I	60 h/a
Linguística II	60 h/a
Linguística III	60 h/a
Leitura e Elaboração de Texto I	60 h/a
Leitura e Elaboração de Texto II	60 h/a
Teoria e Crítica Literária I	60 h/a
Teoria e Crítica Literária II	60 h/a
Teoria e Crítica Literária III	60 h/a
Int. à Literatura de Língua Portuguesa	60 h/a
Literatura do Brasil Colonial	60 h/a
Literatura Brasileira da Modernidade I	60 h/a
Literatura Brasileira da Modernidade II	60 h/a
Literatura Brasileira Contemporânea	60 h/a
Literatura de Língua Portuguesa Contemporânea	60 h/a
Literatura Africana de Língua Portuguesa	60 h/a
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60 h/a

Total	1800 h/a
Atividades Complementares	
Componentes Curriculares	Carga Horária
Metodologia Científica	60h/a
Língua e Literatura Latina I	60h/a
Língua e Literatura Latina II	60h/a
Semântica e Pragmática	60h/a
Pesquisa Aplicada em Língua e Literatura Portuguesas	60h/a
Total	300h/a
Atividades Didático-Pedagógicas	
Componentes Curriculares	Carga Horária
Filosofia da Educação	60h/a
Sociologia da Educação	60h/a
Prática Pedagógica I	60h/a
Prática Pedagógica II	60h/a
Processo Didático, planejamento e avaliação	60h/a
Organização do Trabalho na Escola e Currículo	60h/a
Psicologia, Desenvolvimento e Aprendizagem	60h/a
Estágio Supervisionado I	105h/a
Estágio Supervisionado II	105h/a
Estágio Supervisionado III	105h/a
Estágio Supervisionado IV	105h/a
Total	1040h/a
Atividades Eletivas	
Componentes Curriculares	Carga Horária
Tópicos Especiais em Lingüística I (Sociolingüística)	60h/a
Tópicos Especiais em Lingüística II (Cultura Românica)	60h/a
Tópicos Especiais em Literatura I (Literatura Popular)	60h/a
Tópicos Especiais em Literatura II (Literatura Comparada)	60h/a
Estética	60h/a
Psicolingüística	60h/a
Literatura Infanto-Juvenil	60h/a
Estágio Curricular Eletivo	60h/a
Total mínimo a cursar	160h/a
Atividades Acadêmico Científico Culturais	
Componentes Curriculares	Carga Horária
Atividades Acadêmico Científico Culturais (AACC) ¹	200h/a
Total Mínimo de Carga Horária	200h/a

¹ Os limites de carga horária e atividades para cada AACC do Curso de Letras encontram-se discriminados na Tabela 1 – Anexo 2.

As Atividades Acadêmico Científico Culturais, com carga horária de 200h/a, correspondem ao conjunto de atividades articuladas ao processo de formação do aluno ao longo do curso. Relacionadas ao exercício profissional, são submetidas ao Colegiado do Curso que estabelecerá regras para consignação das horas-aula. O Estágio Supervisionado, por sua vez, está incluído nas Atividades Didático-Pedagógicas, cada qual com carga horária de 120 horas, totalizando 480 horas.

5.3 Estágio Supervisionado no Curso de Letras da FIP e da UEPB

O Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório e extracurricular eletivo nos cursos de Licenciatura, constitui-se de atividades de aprendizagem social, profissional e cultural. São proporcionadas ao estudante via a participação em situações reais de atuação em instituições escolares e têm, por finalidade, inserir o estagiário na realidade concreta do mundo do trabalho.

O componente tem como objetivo principal favorecer ao estudante o aprofundamento e a integração dos conhecimentos e conteúdos desenvolvidos ao longo do curso, aplicando-os no contexto escolar e reformulando-os teoricamente. São ainda objetivos da atividade:

- Promover a articulação entre teoria e prática, dinamizando o processo ensino-aprendizagem;
- Consolidar a formação de educadores competentes que busquem continuamente novos caminhos através da pesquisa e da formação continuada, facilitando sua integração futura no mundo de trabalho;
- Reforçar o princípio da investigação científica como elemento de formação profissional e pedagógica;
- Proporcionar ao aluno as experiências práticas necessárias ao profissional da educação que estará atuando na docência;
- Desenvolver conhecimentos, habilidades e competências pertinentes ao desempenho de sua profissão;
- Desenvolver uma metodologia comprometida com a problemática do campo de estágio, contemplando os fundamentos teóricos e metodológicos apreendidos em sua formação acadêmica;

- Desenvolver uma postura crítica e ética no estagiário frente à sua atuação docente, avaliando-a e redimensionando-a;
- Formar educadores que reconheçam a relevância social da escola e do professor, desenvolvendo uma prática pedagógica emancipatória que promova a cidadania.

Constituindo a culminância da formação inicial para o magistério, o Estágio Supervisionado tem a finalidade portanto de oportunizar ao estagiário vivenciar, nas escolas de Educação Básica, conhecimentos e metodologias adquiridos ao longo do curso. No mínimo, o componente deve totalizar 400 horas, distribuídas a partir da segunda metade do currículo. Trata-se de atividade que deve constar no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), conferindo-lhe a feição que a instituição deseja que tenha.

Conforme o PPC de Letras da FIP pretende-se oferecer aos alunos um componente que contribua para a formação de educadores críticos, dinâmicos, inovadores, éticos e solidários. Buscam-se elaborar estratégias que contribuam para um estágio de qualidade, refletindo sobre as diversas concepções do processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista que se exige do estagiário, atividades práticas realizadas nas escolas campo de estágio do curso de Letras, é necessário que este oportunize vivenciar situações nas quais os alunos possam utilizar todo o conhecimento das disciplinas teóricas. O estabelecimento de cadeias de conexões horizontais e verticais entre disciplinas incentiva o apoio recíproco entre docentes, dinamiza a aprendizagem e fortalece a interdisciplinaridade.

O aluno-estagiário deve desenvolver nas suas atividades em campo os seguintes objetivos:

- Compreender e dimensionar a importância do Estágio Supervisionado para sua formação profissional;
- Buscar conhecer a escola campo de estágio nos aspectos físicos, administrativos e pedagógicos;
- Expressar-se com linguagem precisa, clara, objetiva e gramaticalmente correta, tanto de forma oral como escrita;
- Elaborar planos, executar e avaliar conteúdos de ensino;

- Ministrar aulas demonstrando domínio de conteúdo e de didática.
- Aplicar com adequação e eficiência métodos, técnicas e procedimentos didático-pedagógicos.

Realizado entre o 3º e 6º períodos, o Estágio Supervisionado permite ao aluno experienciar uma espécie de laboratório de ensino, construindo conhecimentos teóricos e práticos, como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa e Inglesa e respectivas literaturas, nos níveis fundamental e médio. Constituindo-se um período de experiência dirigida, fundamenta-se em um planejamento sistemático, dinâmico e cooperativo das FIP com as Escolas de Ensino Fundamental e Médio de Patos e adjacências, possibilitando uma rica troca de experiências sobre a realidade escolar e a prática pedagógica.

Os mecanismos de acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado compreendem os seguintes:

- a) Plano de Estágio aprovado pelo professor orientador e professor da disciplina campo de estágio;
- b) Reuniões do aluno com o professor orientador;
- c) Visitas à escola por parte do professor orientador, sempre que necessário;
- d) Relatório do Estágio Supervisionado.

Os estagiários são acompanhados pelos professores supervisores nas suas dificuldades mais prementes, bem como são avaliados pelos professores cooperados e Coordenação Pedagógica. Baseando-se nas observações realizadas ao longo do estágio e nos relatórios apresentados pelos alunos e supervisores, realiza-se a avaliação contínua do desempenho do aluno, detectando as falhas, corrigindo as distorções e promovendo a retroalimentação do processo ensino-aprendizagem, de modo a garantir a melhor eficiência e eficácia às atividades desenvolvidas.

5. 4 O Letramento Digital do Estágio Supervisionado no Curso de Letras do Interior Paraibano: análise e discussão

Tendo como objeto de pesquisa o Letramento digital no ensino superior de Letras, neste capítulo pretende-se analisar a comparação dos discursos e práticas expressos pelos professores sobre o Letramento digital do curso de Letras de duas Instituições de Ensino Superior, que se constituíram a partir das informações obtidas através da utilização dos instrumentos de pesquisa que se complementam no nosso estudo, quais sejam: o questionário e as observações previstas.

Neste sub-item apresentarei os dados empíricos e análises dos mesmos. Começarei pelas respostas do questionário que foram seis questões, sendo três questões abertas e três questões fechadas. Esses dados serão apresentados em blocos de cinco respostas cada um, que se referem àquelas de cada sub-grupo de cinco docentes; sendo dois docentes da Universidade públicas e três da Faculdade Particular.

5.4.1 Visão dos docentes do Curso de Letras em relação ao letramento digital no Estágio Supervisionado.

1ª Questão: Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

As respostas foram as seguintes:

PROF. 1 : (UEPB) - As disciplinas que ministro no Curso de Letras não são norteadas por nenhuma concepção de letramento digital.

PROF. 2 : (UEPB) - Ministrei as disciplinas de Metodologia, Pesquisa Aplicada, Prática Pedagógica II e Estágio Supervisionado III, mas nenhuma delas traz subsídios que norteie o professor para desenvolver certo nível de letramento digital (sejam quais forem as concepções), das turmas.

PROF. 1 : (FIP) - Entre as diferentes propostas de letramento hoje, uma das mais comentadas na atualidade é a que se refere ao letramento digital, que deve ser entendido como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de

atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento das tecnologias de informação. O ciberespaço, por assim dizer, configura-se como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. As formas de interação e comunicação humanas se alteraram de maneira bem acentuada. De todas as modalidades comunicativas, a internet vem gerando mudanças inéditas nas relações sociais e na forma de aprender, gerando a cultura da interatividade. Essa interatividade, favorecida pela comunicação em rede, possibilita aos usuários não só receber e compartilhar informações, mas manipulá-las, fazer comentários, integrá-las aos seus conhecimentos e, em alguns casos, modifica-las. A disseminação de conhecimento e a participação ativa dos professores em práticas discursivas no ambiente digital sugerem novos modelos de formação, de construção de aprendizagens colaborativas, de diálogo e de reconquista da atuação docente. Como exemplo, o gênero e-mail evidenciamos às concepções de linguagem, de letramento, de aprendizagem e de gêneros digitais. Sabemos que as aulas permitem ao professor a inclusão das novas tecnologias às práticas pedagógicas e, em consequência, favorece a avaliação e reavaliação de suas propostas de ensino. Neste sentido, pode-se construir fonte de diálogo, de reflexões e de qualificação do trabalho didático do profissional de Letras, inserindo-se no contexto digital e favorecendo o aluno a participação nas mídias com criticidade e conhecimento, para acompanhar as mudanças vigentes do século.

PROF. 2 : (FIP) - Considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidade mentais e a capacidade dos mesmos a viverem como cidadãos nesse novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais.

PROF. 3 : (FIP) - É um processo dinâmico de aprendizagem, onde é possível compreender e aplicar na realidade contemporânea, inserindo teoria e prática; Aplicação de realidade social dos conhecimentos adquiridos com competências e habilidades; Promover o aprimoramento constante das ações pedagógicas, socializando o aluno/professor na sala de aula, possibilitando assim uma reflexão crítica (um novo olhar); É uma oportunidade de se inserir no século do conhecimento globalizado, afastando-se do conhecimento puramente isolado.

No que se refere ao letramento digital, fica evidente na resposta dos professores da Universidade Pública que a prática pedagógica não contempla a referida vivência. Quanto á resposta dos professores da Faculdade Particular é perceptível que a concepção destacada não diz respeito ao que consta no currículo, mas a uma concepção dos mesmos em relação ao letramento digital.

Silva apud Freire (2003, P. 53) afirma, “não me resta dúvida de que o grande problema para a superação do analfabetismo digital e/ ou para aprendizagem do manejo de computadores pelas novas gerações reside num elemento-chave: o professor. [...]. Nessa perspectiva o papel do educador é extrema necessidade, pois é ele que deve mediar as ações desenvolvidas pelos alunos. No entanto, esse profissional precisa conhecer os principais programas e as linguagens utilizadas para a produção e transformação da aprendizagem.

O grande desafio consiste muitas vezes na inadequação da profissionalização dos professores. As condições de alguns currículos na formação inicial e a falta de formação continuada que nem sempre são assumidas pelos governos tem ofertado ao mercado, profissionais despreparados para enfrentar essa nova realidade. (SILVA *apud* FREIRE, 2003).

No intuito de sanar e superar esses problemas o professor deve buscar meios que o prepare para esse novo desafio, de trabalhar a leitura e a escrita e toda sua diversidade linguística nas ondas da internet.

2ª questão: Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

As respostas foram as seguintes :

PROF. 1 : (UEPB) - A internet é utilizada no Curso para facilitar a comunicação entre professor e alunos e como fonte de pesquisa dos alunos estagiários para planejamento das aulas que são ministradas nas escolas campo de estágio.

PROF. 2 : (UEPB) - Esse recurso é utilizado apenas para comunicação entre professor e alunos e como fonte de pesquisas pelos alunos. Acredito que essas pesquisas são realizadas para o desenvolvimento das aulas que são regidas no campo de estágio.

PROF. 1: (FIP) - O letramento digital, portanto, implica o domínio de habilidades específicas para navegar na internet e interagir em seus diversos espaços. As práticas e os eventos de letramento digital são mediados por um conjunto de gêneros digitais que instigam a sujeita a lançar mão de novos processos cognitivos ajustáveis á dinâmica de interação desse espaço. Quando nos referimos á internete, por exemplo, as informações e os conteúdos são disponibilizados **sob a** forma de hipertextos- os quais, ao serem acessados, convidam o leitor a fazer uma leitura não-linear, não sequenciadas, tendo a possibilidade de ir para outros espaços discursivos (sites), acessando outros conteúdos e informações através de links que tenham ligação com o primeiro conteúdo acessado. Assim, os graduandos do Curso de Letras, das FIP devem adequar-se a este contexto, para que possam ministrar suas aulas coerente com o processo ensino-aprendizagem vigente, imergindo no universo tecnológico, pois este exige um domínio de suas linguagens específicas.

PROF. 2 : (FIP) - O uso da internet por grande parte da população tem se formado constante e contínuo, o que possibilita a comunicação entre pessoas de todo o mundo em tempo real ou em espaços de tempo distintos através de textos, imagens, sons com uma quantidade infinita de informações trazendo para cada usuário novos saberes e preceitos.

PROF. 3: (FIP) - Realização de práticas de leituras e escritas de diferentes formas tradicionais; assume mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, com imagens e desenhos; o letramento digital através da internet no estágio.

É certo que por muitas vezes pensamos em como utilizar as redes sociais ao nosso favor. Por esta razão, analisando sobre a opinião dos professores evidencia-se que mais uma vez recai sobre os educadores a responsabilidade de criar condições para estimular o diálogo e prática de produções escritas em sala de aula, com estratégias para que, não seja o professor o único agente dessa ação, mas que ocorra a interlocução com os alunos. Amaral apud Freire (2003, p. 45) define que “nesse sentido, dentro do cenário atual, a alfabetização para as novas tecnologias é condição fundamental para que algo de realmente produtivo seja construído a partir de sua utilização [...]”. Partindo dessa primícia, cabe ao educador não apenas

inserir-se nesse universo virtual, mas, sobretudo dominar o uso dessas ferramentas para a dimensão da sala de aula.

Nesse sentido, o estágio supervisionado, enquanto componente curricular que orienta e prepara o discente para a docência deve dialogar com todas as inovações da educação, no caso, o letramento digital. Vê-se que para os professores da Universidade pública, a internet, ainda, não é um fenômeno, constante na produção de práticas pedagógicas digitais.

Quanto aos professores da Faculdade Particular, eles têm consciência das implicações no cenário educacional, mas não proporcionam aos discentes uma prática pedagógica digital.

O trabalho com o hipertexto é complexo e exige do professor maturidade no que diz respeito ao uso da internet, especificamente o uso com as redes sociais. Estamos frente a uma nova realidade, onde os nossos alunos estão nos deixando para trás, pois já detêm um conhecimento vasto acerca de tais recursos.

O hipertexto apresenta uma linguagem não linear, dinâmica e interativa, mas é indispensável entender como funciona essa linguagem em tais contextos. Observe o trecho da crônica *Amor só de letras* Prata (2003)

Só que agora, finzinho do finzinho do século, surgiu um outro tipo de casamento. O casamento de letras. Letras de textos. [...] Apaixona-se, hoje em dia, pelo texto. Via internet. [...] Começa no chat, com o texto. [...] Moças de vírgulas acentuadas, exclamações sensuais e risos de entortar qualquer coração letrado ou iletrado. Sim, pela primeira vez nesta nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pela palavra escrita. E lida, é claro. [...] Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto.

Se observarmos a linguagem utilizada no texto propicia novas maneiras de dizer algo que já foi mencionado em outro momento, em outras épocas, com outras expressões, é como se as palavras fossem personificadas. O ato de namorar ou casar com as letras, é justamente a cumplicidade que há na prática de ler e escrever. O sentido e o significado que o hipertexto adquire depende significativamente do leitor/escritor que está interagindo no momento de comunicação nas redes sociais.

É de suma importância aprender a lidar com a tecnologia, para desenvolver práticas de produção textual nos oceanos da internet, esclarecendo aos discentes que o texto estar sempre por fazer. Exige-se um trabalho contínuo de organização, contextualização, seleção, uma vez que esses textos se constituem dentro de outros textos. (LÉVY *apud* KOCH 2008).

Assim, aprendendo lidar com a tecnologia o professor terá mais facilidade de explorar o potencial cognitivo dos alunos, bem como suas competências e habilidade, reconhecendo que o hipertexto contribui para a aprendizagem e participação ativa dos alunos.

Percebe-se que tanto o currículo da Universidade Pública como o da Faculdade Particular necessita ser revisados, tendo em vista a operacionalização do Estágio supervisionado frente as novas tecnologias, principalmente ao letramento digital.

3ª questão : Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado ?

As repostas foram as seguintes:

PROF. 1 : (UEPB) – Sim.

PROF. 2 : (UEPB) – Sim.

PROF. 1: (FIP) - Sim. Pois o acesso á internet possibilita-nos a familiaridade dos professores com o ambiente digital, as habilidades para navegar pelos hipertextos digitais para selecionar informações relevantes, para agir criticamente frente ás informações. Porém, não se pode negar que o espaço da aula é um suporte que permite, no mínimo, que o professor perceba que a tecnologia precisa ser inserida ás práticas pedagógicase, em consequência, avalie e reavalie sua prática de ensino, procurando favorecer um ambiente de aprendizagem dinâmico, contextualizado e significativo. E, o mais importante, repense concepções de letramento, de aluno e de professor.

PROF. 2 : (FIP) - Sim. A internet tem um papel significativamente importante para o processo reflexivo na formação docente. O estágio é, sobretudo um espaço de formação e construção de saberes e todas as problemáticas que envolvem essa prática.

PROF. 3 : (FIP) - Sempre que possível, no atendimento ao projeto de Letramento digital executado em uma escola da rede oficial do Estado, campo e parceria do estágio Supervisionado; o uso da internet concretiza ao aprendiz uma melhor dinâmica, participativa, descentralizada e pautada na autonomia e nos interesses dos participantes; dar independência e autonomia de aprender; abertura emocional e intelectual; o aprendiz foca nos acontecimentos globais; dar liberdade de expressão,

curiosidades e para investigativo; instantaneidade na busca da pesquisa, soluções e senso de constatação; tolerância ao diferente.

Percebeu-se que todos os professores responderam que sim quanto ao uso da internet como apoio ao planejamento, tanto os da Universidade pública, como os da Faculdade Particular. Os da Faculdade particular colocam as inúmeras vantagens em utilizarem a internet no planejamento pedagógico. E destacam que em uma escola campo aplicam um projeto de letramento digital. Em suas falas colocam como a comunicação através da internet transforma os alunos.

A partir, de então, nota-se dois momentos distintos no estágio supervisionado. Nas primeiras questões, os professores colocam que não utilizam o letramento digital porque os componentes curriculares não o contemplam. Diante disso, infere-se das respostas, ainda uma prática pedagógica distante das inovações tecnológicas, como a produção de textos digitais, o hipertexto, entre outras questões. Ou seja, a comunicação virtual não tem muito espaço, ainda no estágio supervisionado das IES.

Vale salientar que a comunicação mediada pela tecnologia provoca mudanças na maneira como os alunos leem e escrevem. Todos os professores entrevistados através de sua afirmação deixam evidente que um estágio supervisionado tratando da comunicação através das mídias reflete nas produções orais e escritas dos estagiários e alunos das escolas campo. Silva apud Freire (2003, p. 30) afirma que

A comunicação mediada por computadores traz, no seu bojo, uma série de transformações sociais e, portanto, linguísticas. É no fluxo histórico da linguagem que a máquina virtual-digital colocada no meio – feito ponte – de múltiplos diálogos humanos mostra os seus efeitos mais visíveis, a sua manifestação mais concreta.

As marcas da internet no contexto comunicativo de sala de aula abarcam inúmeras transformações, sejam elas sociais ou linguísticas. Nesse caso, é mister que o estágio supervisionado no curso de Letras tenha como fator preponderante o uso do referido fenômeno.

De certa forma se torna mais desafiador o ensino voltado para a prática do letramento digital ou o uso da internet, principalmente para a aplicação da língua e a linguagem, pois exige do educador práticas de planejamento mais complexas que transcendem repetições de planos de conteúdos e decodificação de regras.

4ª questão: Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

celular facebook whatsapp e-mail instagram tablete twitter Outros

PROF. 1: (UEPB) - O face e o whatsapp são utilizados com maior frequência, entretanto, sem o objetivo de letrar.

PROF. 2 : (UEPB) - Levando-se em consideração apenas o uso sem intenções de letrar acredita que o face e o whatsapp são utilizados com maior frequências para manter o contato com os alunos.

PROF. 1 : (FIP) - celular ; whatsapp; e-mail; outros

PROF. 2 : (FIP) - celular ; whatsapp; e-mail

PROF. 3 : (FIP) - Não respondeu

Após serem indagados sobre a utilização dos recursos, perguntou-se quanto ao uso de ferramentas e redes sociais. Dos dois professores da Universidade pública, ambos usam com maior frequência, o whatsapp e o facebook. Eles destacam que o referido uso não compreende o compromisso de letrar. Enquanto os da Faculdade Particular, prof.1 e 2 utilizam o whatsapp, face e o e-mail. Não fizeram nenhum comentário, se a utilização das ferramentas implica no compromisso de letrar. Quanto ao prof.3 não repondeu.

Ressalta-se que estes recursos podem ser utilizados simultaneamente. É, portanto, notório que as “redes sociais permitem que um mesmo objeto de interesse seja debatido a partir de múltiplas vozes e que o conhecimento seja produzido de forma colaborativa [...]” relata a professora da Unicamp Denise Bértoli Braga (PRESENÇA PEDAGÓGICA V. 19 p. 55).

A troca de experiência e a interação virtual geram possibilidades de praticar várias ações simultaneamente através da *web* , isso contribui para a transformação do comportamento do indivíduo em práticas como leitura e escrita. Isso devido ao longo tempo que os alunos dedicam ao usar a internet.

Os desafios que os educadores enfrentam para deter a atenção dos alunos nas aulas se consolidam com muita frequência e naturalidade quando eles estão defronte ao computador; ficam horas a fio sem se dar conta de que o tempo passa rapidamente. Algumas pesquisas apontam que o “Brasil é um dos países onde crianças e os adolescentes passam o maior número de horas diante das telas de celulares, computadores e televisores.” (REVISTA PÁTIO Nº 19, p. 30, 2014).

Isso é um dado que serve para ser discutido na formação dos discentes do estágio supervisionado em Letras, pois o uso bem administrado, ou administrado pedagogicamente pelo professor, seja da internet, das redes sociais, ou outras redes sociais contribuem para a reflexão e construção de um aluno competente digitalmente em leitura e escrita.

5ª questão : As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio supervisionado ?

As respostas são as seguintes:

PROF. 1 : (UEPB) – Relativamente.

PROF. 2 : (UEPB) – Relativamente.

PROF. 1 : (FIP) - Com o resultado do desenvolvimento da ação contínua, não linear, multidimensional e ilimitada, para além desta aprendizagem básica do saber ler e escrever, adquirindo, dessa forma, um grupo social ou um indivíduo inserido nas práticas de letramento digital, um novo estado ou uma nova condição nos aspectos cultural, social, político, linguístico, psíquico acontece com os envolvidos pelo processo. Considerando que as mudanças advindas da constante evolução tecnológica alteram comportamentos, formas de comunicação e aquisição de conhecimentos, premente se faz relacionar o uso da informática, como o resultado do desenvolvimento da ação contínua, não linear, ferramenta pedagógica, às concepções de aprendizagem. Assim, a leitura e escrita tem contribuído com o avanço das novas tecnologias, inserindo os estagiários para ação-reflexão-ação, no contexto do uso das tecnologias em sala de aula. O estágio supervisionado procura direcionar os estagiários para uma visão ampla, para que possam atuar como futuros profissionais de Letras, atendendo as necessidades da sociedade educacional, como compromisso e qualidade em suas ações docentes e com um olhar futuristas sobre as novas tecnologias.

PROF. 2 – (FIP) - Sim. O interesse dos alunos pela leitura pode ser despertado através das ações usuais, mas o uso da tecnologia nesta área, também é benéfico para fascinar os leitores.

PROF. 3 – (FIP) - Em parte, isto implica ainda no acesso da maioria às novas tecnologias. Para tanto é necessário uma eficácia dessas contribuições que se torna realidade para a maioria da população. O uso da internet, CD, CD ROM, DVD na ajuda da consolidação a cultura escrita. Escrever mais textos argumentativos. Não ver o pesquisador apenas como um repetidor de informação (argumentar e criticar); Ver as ferramentas sociais como apoio e não como instrumentos de somente passar a informação; Não só aceitar informações em pacotadas; É preciso usar mais estratégias pedagógicas capazes e eficazes e serem mais variadas nos espaços educacionais: sala de aula, laboratório de informática; proporcionar mais nas redes sociais e letramento digital, preparando os aprendizes mais na atuação adequada no século do conhecimento.

De acordo com as respostas dos dois professores da Universidade pública, do domínio da escrita e da leitura, por parte das novas tecnologias, eles colocaram como relativamente. Isso mostra que não há uma afirmativa da competência leitora e escritora digital, por parte dos discentes no estágio supervisionado.

É notório que as novas tecnologias têm contribuído, sim, mas não a ponto de tornar plena a leitura e escrita, no sentido mais amplo, ou seja, interpretar, compreender, analisar e produzir textos virtualmente.

Quanto ao professores da Faculdade Particular, o prof.1 mostra que a contribuição tem sido, no sentido do estagiário agir e refletir acerca do que escreve e ler. O mesmo professor coloca que o Estágio supervisionado sempre está comprometido com as inovações em todos os âmbitos, principalmente, no tecnológico. No que diz ao professor 2, o interesse dos alunos é visível nesta área. E sugere que se devem aplicar ações usuais.

Quanto ao prof. 3, coloca que, em parte, as novas tecnologias têm contribuído no estágio supervisionado para o domínio da leitura e da escrita. Mas acrescenta inúmeras mudanças proporcionadas com o advento das novas tecnologias. Neste cenário, como demonstra os estudos de Pimenta (2009), tem-se

verificado que os cursos de formação docente, ao desenvolverem um currículo formal e disciplinas que englobam o elemento prática, como os estágios obrigatórios, são distanciados da realidade das escolas “numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar (...) (PIMENTA, 2009, p. 16)”.

6ª questão : Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

- () criação de jogos () produções textuais () resenha crítica
 () exercícios gramaticais () cordel () história em quadrinhos
 () plano de aula () comentários

As respostas são as seguintes:

PROF. 1: (UEPB) Não respondeu.

PROF. 2: (UEPB) Não respondeu.

PROF. 1: (FIP) - (x) criação de jogos; (x) produções textuais; (x) resenha crítica;
 (x) exercícios gramaticais (x) cordel (x) história em quadrinhos (x) plano de aula (x)
 comentários

PROF. 2 : (FIP) - (x) criação de jogos (x) produções textuais (x) plano de aula

PROF. 3 : (FIP) - (x) criação de jogos; (x) produções textuais; (x) resenha crítica;
 (x) exercícios gramaticais (x) cordel (x) história em quadrinhos (x) comentários

Diante do exposto, para uma formação que situe as novas demandas aos professores, precisa-se considerar os saberes descritos por Gauthier (2006) e Pimenta (2009) para o currículo e as disciplinas, mas não esquecer que a prática com o saber e o fazer são essenciais para a atividade docente. De acordo com as DCN's (2002) e (2001), a prática deve permear todo o currículo e o curso, e os conteúdos curriculares devem “articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática” (DCN's 2001, p. 31).

5.4.2 Dados das observações descritivas e reflexivas em sala de aula dos supervisores de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Inglesa da Faculdade Particular

PROF. 1: OBSERVAÇÃO NO 8º ANO, - A turma possui trinta e cinco alunos . Era o turno da tarde. Classe muito quente. Possui dois ventiladores, um acima da lousa, centralizado e outro no final da sala. A referida professora me apresentou a turma, justificou o motivo de minha presença naquela aula. Apresentou a atividade que seria trabalhada. Os alunos iriam para o laboratório de informática digitar o texto e em seguida responder as questões de compreensão. Os alunos ficaram muito eufóricos ao saberem que iriam para o laboratório de informática. Percebi que todos gostaram da proposta. O laboratório não possui computadores para todos, mas ficaram grupos de três e de duplas nos computadores.

Dos grupos, apenas um digitava. Observei que todos os alunos possuíam celular. Não deu para perceber se sabiam acessar as redes sociais. A escola possui internet, mas com uma capacidade muito baixa. Não suporta todos os computadores ligados na internet. Alguns alunos disputavam quem ia digitar. Todos queriam digitar. Na hora de responder os questionamentos do texto poucos se atreviam. Percebi que a maioria dos alunos dominam a digitação, mas poucos dominam o letramento. No final da aula, a supervisora e os estagiários responderam com a turma a compreensão do texto. Os estagiários mostraram a importância da produção digital. Deles apresentarem o ponto de vista sobre um texto.

O que se percebeu que os alunos não são acostumados a participarem de aulas no laboratório de informática, muito menos utilizar a internet como ferramenta para letrar. Utilizam o word para digitação , ou seja para cópia. Não ficou visível a prática de letramento digital.

PROFª 2: OBSERVAÇÃO NO 6º ANO - A turma possui quarenta alunos . Era o turno da tarde. Classe muito quente. Possui dois ventiladores, um acima da lousa, centralizado e outro no final da sala. Vale ressaltar que é a mesma escola da observação da prof.1 . A referida professora me apresentou a turma, justificou o motivo de minha presença naquela aula. Apresentou a atividade que seria trabalhada.

Os alunos iriam para o laboratório de informática produzir um texto. Os alunos adoraram a ideia ao saberem que iriam para o laboratório de informática. Percebi que todos gostaram da proposta. O laboratório é o mesmo. Com 20 computadores.

Não possui computadores para todos, mas ficaram grupos de três e de duplas nos computadores.

Dessa vez foi selecionado o aluno, aquele que gostava de escrever. Nem todos gostam de produzir textos. Observei que poucos possuíam celular. Uns dez alunos, precisamente. Mas não foram esses escolhidos para produzirem os textos. Apesar de alguns não possuírem celular, mas sabiam digitar. O texto não foi longo. Dez linhas. Os estagiários pediram que cada um lesse e comentasse. Eles leram timidamente. Um ou outro comentou. Percebi os alunos muito tímidos para lerem , principalmente ler o que escreveu.

PROF.3 – OBSERVAÇÃO NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

A turma possui 25 estudantes. Turno da manhã. Os estudantes possuem celular. Não quiseram ir para o laboratório de Informática. Esta escola é de Ensino Médio, no centro de Patos. Os alunos disseram aos estagiários que os computadores estavam quebrados e a internet não comportava todos os estudantes antenados na internet. Também foi proposto uma atividade para fazerem no celular , mas não quiseram. Dessa feita , percebi que naquela turma , a escrita é utilizada para codificar e não para letrar.

5.4.3 Dados das observações dos planos de cursos dos supervisores de Estágio Supervisionado da UEPB

PROFª 1: ministrante do estágio supervisionado I- correspondente ao 4º período e II – correspondente ao 5º período ,cada estágio com uma carga-horária de 105 h/a e verificando os objetivos , a distribuição temática e os procedimentos metodológicos que integram o plano de Curso do estágio supervisionado I e II deste docente , não se vê nenhuma atividade para utilizar as ferramentas da internete.

PROFª 2: ministrante do estágio supervisionado III – correspondente ao 6º período , com uma carga-horária de 105 h/a e verificando os objetivos , a distribuição temática e os procedimentos metodológicos que integram o plano de Curso deste docente , não se vê nenhuma atividade para utilizar as ferramentas da internete.

5.4.4 Dados das observações dos planos de cursos dos supervisores de Estágio Supervisionado das FIP

PROF^a 1: ministrante do estágio supervisionado I – 3º período – carga-horária de 40h/a; II – 4º período – carga-horária de 60h/a; III – 6º período – carga-horária de 60h/a e IV – 7º período – carga-horária de 40h/a de Língua Inglesa e verificando os objetivos , a distribuição temática e os procedimentos metodológicos que integram o plano de Curso do referido estágio supervisionado deste docente , não se vê nenhuma atividade para utilizar as ferramentas da internete.

PROF^a 2: ministrante do estágio supervisionado I – 3º período – carga-horária – 40h/a de Língua Portuguesa e verificando os objetivos , a distribuição temática e os procedimentos metodológicos que integram o plano de Curso do referido estágio supervisionado deste docente , não se vê nenhuma atividade para utilizar as ferramentas da internete.

PROF^a 2: ministrante do estágio supervisionado II, III e IV – 4º , 5º e 6º períodos respectivamente – carga-horária – 60h/a ;60h/a e 40h/a de Língua Portuguesa e verificando os objetivos , a distribuição temática e os procedimentos metodológicos que integram o plano de Curso do referido estágio supervisionado deste docente , não se vê nenhuma atividade para utilizar as ferramentas da internete.

Vale ressaltar que as falas dos professores da UEPB têm consonância com os planos de Curso ao dizerem que não utilizam a redes sociais no sentido de Letrar. Tanto o prof. 1 como o prof.2 em seus planos de curso não consta nenhuma atividade para utilizar a internete ou ferramentas para o letramento digital.

Enquanto os professores da rede particular, prof.1, prof.2 e prof. 3 em suas falas abordam a importância do letramento digital para o estágio supervisionado , mas em seus planos de curso não constam atividades direcionadas ao letramento digital. Todos os professores das FIP marcaram na 6ª questão a criação de jogos , produções textuais , resenha crítica , cordel , exercícios gramaticais , plano de aula , mas não encontramos as atividades mencionadas no estágio supervisionado dos planos de Curso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha experiência no Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, no Curso de Licenciatura em Letras foi uma das justificativas para a realização desta pesquisa. Dessa forma, saliento que o interesse sobre os instrumentos que embasam a prática do Estágio Supervisionado do Curso de Letras, como o Projeto Pedagógico do Curso-PPC, os Planos de Curso dos professores supervisores do Estágio Supervisionado, as Diretrizes Curriculares Nacionais-DCNS, assim como o estudo empírico foram determinantes e significativos sobre os saberes que permeiam a formação de discentes em Letras.

Acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, visto o aprofundamento do estudo na formação dos discentes no Curso de Letras numa Instituição superior pública e numa instituição superior particular. O embasamento nos documentos que orientam o Curso de Letras no âmbito nacional e institucional fez com que visualizar-se os saberes pertinentes á formação atual para a docência, como também as lacunas e a ausência de alguns saberes, no caso, o letramento digital.

Foi um estudo desafiador, tendo em vista sistematizar e articular a documentação do MEC, o PPC e o currículo do curso, bem como todo o referencial teórico. A ideia da análise dos questionários, da observação, dos planos de cursos dos supervisores do Estágio Supervisionado rendeu uma árdua e intensa leitura, compreensão, organização do pensamento e escrita.

A escolha da metodologia possibilitou uma análise mais detalhada e pertinente com o objeto de estudo. Destaca-se que, há sim uma relação teoria-prática com uma ideia de unidade no Estágio Supervisionado, mas o uso da internet e das redes sociais , na UEPB não se caracterizam como Letramento Digital visto na fala dos professores. Enquanto nas FIP, a caracterização compreende de atividades esporádicas, ou de eventos no estágio supervisionado I e II, no Estágio III e IV com um projeto voltado para a prática do Letramento Digital.

Percebeu-se que no currículo formal das duas IES que não está posto o letramento digital como componente curricular, como também não está visível nos planos de cursos dos professores.

Dessa forma, Tanto o supervisor da UEPB quanto os das FIP não têm o professor do Estágio supervisionado n não aplica as ferramentas tecnológicas com o

propósito de letrar. Constituindo-se em técnicas de comunicação e informação, mas não para aprendizagem do ensino da leitura e produção digitais. Diante do exposto, para uma formação que situe as novas demandas aos professores, precisa-se considerar os saberes descritos por Gauthier (2006) e Pimenta (2009) para o currículo e as disciplinas, mas não esquecer que a prática com o saber e o fazer são essenciais para a atividade docente. De acordo com as DCN's (2002) e (2001), a prática deve permear todo o currículo e o curso, e os conteúdos curriculares devem “articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática” (DCN's 2001, p. 31).

Vale destacar a ausência do assunto letramento digital nos planos de curso dos cinco professores envolvidos nesta pesquisa, como nos PPCS. Isso significa dizer que a formação do discente de Letras, no estágio supervisionado precisa ser redimensionada tratando de se adequar às exigências da realidade. Com base nesses resultados de pesquisa apresento, a seguir, algumas propostas para aprimorar o processo de leitura e escrita digitais dessas duas unidades de ensino superior do Curso de Letras focalizadas nesta pesquisa.

PROPOSTA 1: Sugere-se que as coordenações com os professores e órgãos colegiados do Curso de Letras façam o acompanhamento ou estudo, anualmente das diretrizes nacionais curriculares e outros documentos do MEC para adequarem os PPCS, planos de cursos e matrizes curriculares às exigências educacionais atuais. Se necessário for favorecer uma revisão na matriz curricular adequando-a às mudanças de paradigmas. Esta proposta não tem a finalidade de tirar a autonomia dos docentes em sala de aula, no entanto, pode subsidiar seus trabalhos pedagógicos para tornar a aprendizagem mais efetiva e facilitar o trabalho dos professores.

PROPOSTA 2: Os órgãos colegiados do Curso de Letras e gestores dos cursos superiores, em especial os dos cursos de Letras, devem estimular e oportunizar com mais efetividade a unicidade entre a didática docente e os documentos norteadores da prática pedagógica dos professores.

PROPOSTA 3: Cabe aos gestores propiciar o suporte material e técnico tanto para as atividades didáticas dos professores como, particularmente para a formação dos professores atuantes no Curso de Letras. Desde a relação das ementas dos componentes curriculares, como referências e metodologias, assim como os conteúdos.

Nestas propostas há a possibilidade de se poder acompanhar mais de perto as questões da formação inicial dos professores, o que muitas vezes pode evitar incompatibilidades dos discursos dos professores com suas práticas, assim como a distância da matriz curricular com as novidades de paradigmas de sala de aula. É pela questão da qualidade de ensino e aprendizagem dos discentes de Letras que se considera importante questionar e propor novos temas às práticas docentes.

A partir desta pesquisa, verifico a possibilidade e necessidade de se trabalhar com mais vigor entre a prática dos professores do estágio supervisionado, a realidade das escolas campo e o documentos do curso de Letras. O discente/futuro docente tem que reconhecer a importância do campo educacional teórico-pedagógico-prático para sua profissionalização. O currículo, deve ser pauta constante dos estudos, no âmbito da docência, dos gestores educacionais, pois não deve se fechar as possibilidades de análise, da estrutura, do que o compõe, para que não ocorra desencontros entre a formação do professor, no caso de Letras e a realidade do contexto escolar e educacional.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola, 2003
- ABESS/CEDEPSS. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social.** Cadernos ABESS. Nº 7, São Paulo: Cortez Ed. Ed. Especial, 1997.
- ALVES–MAZZOTI, Alda Judith e Gewandsznajder. **O método nas Ciências Naturais e Sociais.** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira Thompson Learning. 1999
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico.** 9. ed. São Paulo: Atlas. 2009.
- ANFOPE - Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação. Documento final do VI Encontro Nacional. Belo Horizonte. 1992
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4ª ed., Lisboa: Ed. 70. 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. (2003). **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes.
- BATISTA, Antonio A.G., Os professores são “*não-leitores*”? In: *MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da. Leituras do Professor.* Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998. p.23-60.(Coleção Leituras no Brasil)
- BENEVIDES, Araceli Sobreira. **A leitura e a formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos/as do curso de Letras.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERNARDY, Katieli¹; PAZ, Dirce Maria Teixeira 2. **Importância do Estágio Supervisionado para a formação de professores.** XVII Seminário Interinstitucional de Pesquisa, Ensino e Extensão. 2012. Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2015.
- BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BURIOLOLA, Marta Alice Feiten. **Supervisão em serviço social: o supervisor, sua relação e seus papéis.** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008. Disponível:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. A qualificação para o trabalho no ensino de 2.º grau

_____. **LEI Nº 6.494, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1977.** Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e Supletivo e dá outras providências. Brasília, 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6494.htm> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **DECRETO Nº 87.497, DE 18 DE AGOSTO DE 1982.** Regulamenta a Lei 6494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências. Brasília, 1982. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1982-08-18;87497>> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 - DOU de 16/07/1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/33/1990/8069.htm>> Acesso em 20 de junho de 2015

_____. **Decreto Nº 19.851, de 11 de abril de 1931.** Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferencia, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização tecnica e administrativa das universidades é instituida no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras.. 1931. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 14 de ago. 2015. Acesso em: 13 ago. 2015.

_____. **Decreto nº 6.283, de 25/01/1934.** Cria A Universidade De São Paulo e dá Outras Providências. 1934. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=130436> Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. Decreto-Lei Nº 1.190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. 1939. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del1190.htm Acesso em: 17 ago. 2015.

BARTON, D & HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community**. London, Routledge. 1998. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/download/3037/2454>> Acesso em: 18 jun. 2015.

BAWDEN, David. "Origins and Concepts of Digital Literacy". In: LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele (Ed.). **Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices**. New York: Peter Lang, 2008, p. 17-32.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede. 2006. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf> Acesso em: 18 mai. 2015.

_____. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira: contribuições para a formação de professores**. Dissertação de mestrado, IEL, Unicamp, 2001.

_____. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. EducaRede, 11 mar. 2003.

COSTA, Sérgio Francisco. **Método Científico – os caminhos da Investigação**. São Paulo: Harbra. 2001.

CATANI, Denice Bárbara. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari (Org.). **Formação de educadores – desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 119-130.

CHAGAS, V. **Didática especial de línguas modernas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CARMO, Josué Geraldo Botura do. **O letramento digital e a inclusão social**. Fevereiro/ 2003. Disponível em: <<http://www.educacaoliteratura.com/index%2092.htm>> Acesso em: 17 mai. 2015.

CUNHA, M. Isabel; Fernandes, C. M.; Foster, M. M. Avaliação externa e os cursos de graduação: implicações políticas na prática pedagógica e na docência. In: *Avaliação – RAIS – V.8, n 1, março, Campinas .2003*

CHAVES, Sandramara M. A avaliação da aprendizagem no ensino superior. In: Morosini, M.(org.) **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Ed. Plano. 2001.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do Projeto de pesquisa. In: Minayo, M. C. S (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 11ª Ed., Petrópolis: Vozes. 1994

ESTEVE José M. Mudanças Sociais e Função Docente. In Nóvoa, António (Org). **Profissão Professor**. Coleção Ciências da Educação, 2ª ed. Porto, Porto, V. 3.1995.

ESTEBAN, M. T. (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A. 1999.

FAZENDA, Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola. 1991.

Faculdades Integradas de Patos. (2014). **Projeto Pedagógico do Curso de Letras**.

FERREIRA ALMEIDA, J e Madureira Pinto, J. Da teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais. In: Silva, A. S. e Madureira Pinto, J. M. (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 10ª. ed., Porto: Afrontamento . 1999.

FERREIRO, Emilia. Computador muda práticas de leitura e escrita. **Revista de Educação e Informática-Acesso**, São Paulo, n. 15, p. 23-35, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26 ,n.03 , p.335-352 . dez. 2010. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>> Acesso em: 17 jun. 2015.

FIALHO, D. da S., Fideles, L.L. **AS PRIMEIRAS FACULDADES DE LETRAS NO BRASIL. Início Revista Helb Ano 2 - Nº 2 - 1/2008 6. 2008**. Disponível em: http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=106:as-primeiras-faculdades-de-letras-no-brasil&catid=1080:ano-2-no-02-12008&Itemid=11 Acesso em: 12 ago. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan.1999.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis (RJ): Vozes. 1986.

GISI, M. L.; MARTINS, P. L. O.; ROMANOWSKI, J. P. O estágio nos cursos de licenciaturas. In: Romilda T. Ens; Dilmeire S. A. R. Vosgrau; Marilda A. Behrens (orgs.). **Trabalho do professor e saberes docentes**. Curitiba: Champagnat Editora, 2009. p. 201-215.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5ª ed. 8ª. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

GOODE, William J.;Hatt, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional. 1969.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4ª ed. São Paulo: Alínea. 2007.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez. (v. 77). 2000

KLEIMAN, Ângela. **Os Significados do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 1995.

KLEIMAN, A. B. **Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. Linguagem em (Dis) curso**. Palhoça (SC), 2008. v. 8, n. 3, p. 487-517.

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. Signo**. Santa Cruz do sul, 2007. v. 32, n. 53, p. 1-25.

_____. **Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento**. In: Manoel L. G. Corrêa; Françoise Boch (orgs.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 75-9

KRAMSCH, C. Language and culture. Oxford: Oxford University Press, 1998. In: BERWIG, C. A. **Estereótipos Culturais no ensino-aprendizagem de Português para estrangeiros**. Curitiba, 2004. Disponível em: http://dSPACE.c3sl.ufpr.br/dSPACE/bitstream/1884/2297/1/carla_final.pdf Acesso em: 15 ago. 2015.

LAROSSA, Jorge. (2003). **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

LAVILLE, Christian. **A construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG. 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1994. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2ª ed. São Paulo: Atlas. 2008

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (org.). **Leituras do Professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).

MATTOS E SILVA, R. V. **“O português são dois...”: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.

MIRANDA, Neusa Salin. **Uma proposta curricular para a formação de professores de português. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**. Fortaleza, v.25. p.203-209.

Dezembro, 2000.

MARCONI, M. A. & Lakatos, E.M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 1996

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo. Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO .1992.

MOREIRA, Carla. **LETRAMENTO DIGITAL: do conceito à prática**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_051.pdf> Acesso em: 17 jun.2015.

MICHAELIS. **Dicionário de Inglês Online**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/> Acesso em: 20 jun. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **ProInfo – Apresentação**. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462> Acesso em: 21 jun. 2015.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Formação de professores: racionalidade em disputa. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 74, nº 177. 1993

MARTINS, E. Formação em Letras no Brasil: (des)caminhos de uma profissão. 2009. Encontro Nacional sobre Políticas de Língua(s) e Ensino – Brasília, de 18 a 20 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/64-formacao-em-letras-no-brasil-descaminhos-de-uma-profissao> Acesso em: 18 ago. 2015.

Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. **Principais Licenciaturas**. 2015. Disponível em: <http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=como&id=licenciaturas#estrangeira> Acesso em: 11 agos. 2015.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. **Parecer n.º: CNE/CES 492/2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> Acesso em: 16 ago. 2015.

_____. **Portaria nº 2.253** de 18 de outubro de 2001. DOU 19/10/2001, p. 18, Seção1. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/legislacao/p2253.pdf> Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. **Parecer CNE/CES 1.363/2001**. Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1363_01.pdf Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. **Resolução CNE/CP 1, De 18 De Fevereiro De 2002.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. **Parecer CNE/CES nº 83/2007.** Consulta sobre a estruturação do curso de Licenciatura em Letras, tendo em vista as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras e para a Formação de Professores. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces083_07.pdf Acesso em: 16 ago. 2015.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário.** Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <<http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>> Acesso em: 03 set. 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Nova cartilha esclarecedora sobre a lei do estágio lei 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Disponível em: <http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/Cartilha_Lei_Estagio.pdf> Acesso em: 20 jun. 2015.

NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor.** 2ª ed. Coleção Ciências da Educação. Porto, v. 3.1992

NEVES, E. Z. V. **DA TEORIA À PRÁTICA:** uma ponte a ser construída desde a formação inicial. João Pessoa, 2012. Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Espanhol. 84f. Disponível em: <https://snt152.mail.live.com/mail/ViewOfficePreview.aspx?messageid=mgsRvLG05A5RGeGgAjfeSiag2&folderid=finbox&attindex=5&cp=-1&attdepth=5&n=297040> Acesso: 12 ago. 2015.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, A. e FINGER, Matthias (org.) **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde, p. 109, 2003

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia.** Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 29 ago. 2012.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. **Sala de Aula de língua e práticas cidadãs. Trabalhos de lingüística aplicada. Campinas, (41), p. 65-74, Jan./Jun.2003.**

PACHECO, J. **O professor ensina da maneira como aprende.** In.: **Revista Pátio,** ano X, n. 40, nov. 2006/jan. 2007.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação.** 2010. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf Acesso em: 20 jun. 2015.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro.** 2ª ed. Porto: Ambar. 2003

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil.** Brasília: UnB, 2003. p.53- 84.

PEREIRA, O. A. HISTÓRICO DO CURSO DE LETRAS NO BRASIL. 2014. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/historico-do-curso-de-letra-no-brasil-6959519.html>. Acesso em: 17 ago. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência no ensino superior.** Volume I. São Paulo: Cortez. 2002

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes. 1986.
RAMALHO, Betânia L. Estudo, caracterização e constituição de novas práticas formativas para a formação e profissionalização do (a) professor (a) do Ensino Fundamental. **Projeto de pesquisa integrada.** Base de Pesquisa de Formação e Profissionalização Docente. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Básica. Natal: 1998.

REINALDO, Maria Augusta G. de M. Diversidade Textual e ensino de Leitura: atuação na formação do professor. **Boletim da Associação Brasileira de Lingüística.** Fortaleza, v. 25. p.157-171. Dezembro de 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.128.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Atlas. 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade,** Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, M. **Português: uma proposta para o letramento**. Ensino Fundamental. São Paulo: Moderna, 2002.

_____ **O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor**. In: MARINHO, Marildes (org.) **Ler e navegar – espaços e percursos da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001. p. 31-76.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica. **Revista Linguagens e Diálogos**, v.2, n1, p. 109-143, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez. 2000

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, Belo Horizonte:, n. 2, p. 55-69, dez. 2007.

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa Antonio (Coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Don Quixote. 1992.

SENAC. **Formação Inicial e Continuada**. 2015. Disponível em: <http://www.senac.br/cursos/formacao-inicial-e-continuada.aspx> Acesso em: 18 ago. 2015.

SILVA, W. R. Práticas escolares de leitura em estágio supervisionado: por uma formação crítica do professor. In: Adair V. Gonçalves; Maria R. Petroni (orgs.). **Formação de professores: o múltiplo e o complexo**. Dourados: Editora da UFGD, 2012. (no prelo)

TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TRACZ, M.; DIAS, A. N. A. **Estágio Supervisionado: um estudo sobre a relação do estágio e o meio produtivo**. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. A pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas. 1987

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. (1982). **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil. Universidade Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Projeto Pedagógico do curso de Letras**. 2015. Disponível em: <http://dlim.fflch.usp.br/node/859> Acesso em: 11 ago. 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB. Projeto Pedagógico do Curso – PPC. 2011

VELLOSO, Maria Jacy Maia. **Letramento digital na escola:** um estudo sobre a apropriação das interfaces da web 2.0. Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. 2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_VellosoMJ_1.pdf> Acesso em: 18 mai. 2015.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas. A avaliação no trabalho pedagógico universitário. In: Castanho, S & Castanho, M. E. (org.) **O que há de novo na Educação superior:** do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas (SP): Papirus.2000

ZANINI, M PERES, A. de F. **Relatório final do projeto ensino-aprendizagem de língua materna:** da teoria à transposição didática. Maringá: UEM, 2008/2010.

ZEICHNER, Kenneth; LISTON, Daniel. Teaching Student Teachers to Reflect. **Harvard Educational Review.** Vol.57 nº 1 February 1987. p. 23-46.

APÊNDICE

**CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA
FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUPERVISORES DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS**

PROF. 1

1º Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

Entre as diferentes propostas de letramento hoje, uma das mais comentadas na atualidade é a que se refere ao letramento digital, que deve ser entendido como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento das tecnologias de informação. O ciberespaço, por assim dizer, configura-se como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

As formas de interação e comunicação humanas se alteraram de maneira bem acentuada. De todas as modalidades comunicativas, a internet vem gerando mudanças inéditas nas relações sociais e na forma de aprender, gerando a cultura da interatividade. Essa interatividade, favorecida pela comunicação em rede, possibilita aos usuários não só receber e compartilhar informações, mas manipulá-las, fazer comentários, integrá-las aos seus conhecimentos e, em alguns casos, modifica-las.

A disseminação de conhecimento e a participação ativa dos professores em práticas discursivas no ambiente digital sugerem novos modelos de formação, de construção de aprendizagens colaborativas, de diálogo e de reconquista da atuação docente.

Como exemplo, o gênero e-mail evidenciamos às concepções de linguagem, de letramento, de aprendizagem e de gêneros digitais. Sabemos que as aulas permitem ao professor a inclusão das novas tecnologias às práticas pedagógicas e, em consequência, favorece a avaliação e reavaliação de suas propostas de ensino.

Neste sentido, pode-se construir fonte de diálogo, de reflexões e de qualificação do trabalho didático do profissional de Letras, inserindo-se no contexto digital e favorecendo o aluno a participação nas mídias com criticidade e conhecimento, para acompanhar as mudanças vigentes do século.

2º Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

O letramento digital, portanto, implica o domínio de habilidades específicas para navegar na internet e interagir em seus diversos espaços. As práticas e os eventos de letramento digital são mediados por um conjunto de gêneros digitais que instigam a sujeita a lançar mão de novos processos cognitivos ajustáveis à dinâmica de interação desse espaço.

Quando nos referimos á internete, por exemplo, as informações e os conteúdos são disponibilizados sob a forma de hipertextos- os quais, ao serem acessados, convidam o leitor a fazer uma leitura não-linear, não sequenciadas, tendo a possibilidade de ir para outros espaços discursivos (sites), acessando outros conteúdos e informações através de links que tenham ligação com o primeiro conteúdo acessado.

Assim, os graduandos do Curso de Letras, das FIP devem adequar-se a este contexto, para que possam ministrar suas aulas coerente com o processo ensino-aprendizagem vigente, imergindo no universo tecnológico, pois este exige um domínio de suas linguagens específicas.

3º Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado?

Sim. Pois o acesso á internete possibilita-nos a familiaridade dos professores com o ambiente digital, as habilidades para navegar pelos hipertextos digitais para selecionar informações relevantes, para agir criticamente frente ás informações.

Porém, não se pode negar que o espaço da aula é um suporte que permite, no mínimo, que o professor perceba que a tecnologia precisa ser inserida ás práticas pedagógicas, em consequência, avalie e reavalie sua prática de ensino, procurando favorecer um ambiente de aprendizagem dinâmico, contextualizado e significativo. E, o mais importante, repense concepções de letramento, de aluno e de professor.

4º Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

(x) celular () facebook (x) whatsapp (x) e-mail () instagram () tablete () twitter
(x) Outros

5º As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio Supervisionado?

Com o resultado do desenvolvimento da ação contínua, não linear, multidimensional e ilimitada, para além desta aprendizagem básica do saber ler e escrever, adquirindo, dessa forma, um grupo social ou um indivíduo inserido nas práticas de letramento digital, um novo estado ou uma nova condição nos aspectos cultural, social,político,linguístico,psíquico acontece com os envolvidos pelo processo.

Considerando que as mudanças advindas da constante evolução tecnológica alteram comportamentos, formas de comunicação e aquisição de conhecimentos, premente se faz relacionar o uso da informática, como ferramenta pedagógica, ás concepções de aprendizagem. Assim, a leitura e escrita tem contribuído com o avanço das novas tecnologias, inserindo os estagiários para ação-reflexão-ação, no contexto do uso das tecnologias em sala de aula.

O estágio supervisionado procura direcionar os estagiários para uma visão ampla, para que possam atuar como futuros profissionais de Letras, atendendo as necessidades da sociedade educacional, como compromisso e qualidade em suas ações docentes e com um olhar futuristas sobre as novas tecnologias.

6º Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

- (x) criação de jogos (x) produções textuais (x) resenha crítica
- (x) exercícios gramaticais (x) cordel (x) história em quadrinhos
- (x) plano de aula (x) comentários

**CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA
FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUPERVISORES DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS**

PROF. 2

1º Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

Considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidade mentais e a capacidade dos mesmos a viverem como cidadãos nesse novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais.

2º Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

O uso da internet por grande parte da população tem se formado constante e contínuo, o que possibilita a comunicação entre pessoas de todo o mundo em tempo real ou em espaços de tempo distintos através de textos, imagens, sons com uma quantidade infinita de informações trazendo para cada usuário novos saberes e preceitos.

3º Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado?

Sim. A internet tem um papel significativamente importante para o processo reflexivo na formação docente. O estágio é, sobretudo um espaço de formação e construção de saberes e todas as problemáticas que envolvem essa prática.

4º Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

(x) celular () facebook (x) whatsapp (x) e-mail () instagram () tablete () twitter
() Outros

5º As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio Supervisionado?

Sim. O interesse dos alunos pela leitura pode ser despertado através das ações usuais, mas o uso da tecnologia nesta área, também é benéfico para fascinar os leitores.

6º Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

- (x) criação de jogos (x) produções textuais () resenha crítica
() exercícios gramaticais () cordel () história em quadrinhos
(x) plano de aula () comentários

**CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA
FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUPERVISORES DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS**

PROF. 3

1º Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

É um processo dinâmico de aprendizagem, onde é possível compreender e aplicar na realidade contemporânea, inserindo teoria e prática; Aplicação de realidade social dos conhecimentos adquiridos com competências e habilidades; Promover o aprimoramento constante das ações pedagógicas, socializando o aluno/professor na sala de aula, possibilitando assim uma reflexão crítica (um novo olhar); É uma oportunidade de se inserir no século do conhecimento globalizado, afastando-se do conhecimento puramente isolado.

2º Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

Realização de práticas de leituras e escritas de diferentes formas tradicionais; Assume mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, com imagens e desenhos; O letramento digital através da internet no estágio.

3º Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado?

Sempre que possível, no atendimento ao projeto de Letramento Digital executado em uma escola da rede oficial do Estado, campo e parceria do Estágio Supervisionado; O uso da internet concretiza ao aprendiz uma melhor dinâmica, participativa, descentralizada e pautada na autonomia e nos interesses dos participantes; Dar independência e autonomia de aprender; Abertura emocional e intelectual; O aprendiz foca nos acontecimentos globais; Dar liberdade de expressão, curiosidades e para investigativo; Instantaneidade na busca da pesquisa, soluções e senso de constatação; Tolerância ao diferente.

4º Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

celular facebook whatsapp e-mail instagram tablete twitter
 Outros

5º As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio Supervisionado?

Em parte, isto implica ainda no acesso da maioria as novas tecnologias. Para tanto é necessário uma eficácia dessas contribuições que: se torna realidade para a maioria da população; O uso da internet, CD, CD ROM, DVD na ajuda da consolidação a cultura escrita; Escrever mais textos argumentativos; Não ver o pesquisador apenas como um repetidor de informação (argumentar e criticar); Ver as ferramentas sociais como apoio e não como instrumentos de somente passar a informação; Não só aceitar informações empacotadas; É preciso usar mais estratégias pedagógicas capazes e eficazes e serem mais variadas nos espaços educacionais: sala de aula, laboratório de informática; Proporcionar mais nas redes sociais e letramento digital, preparando os aprendizes mais na atuação adequada no século do conhecimento.

6º Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

criação de jogos produções textuais resenha crítica
 exercícios gramaticais cordel história em quadrinhos
 plano de aula comentários

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
CATOLÉ DO ROCHA - PARAÍBA**

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUPERVISORES DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS**

PROF. 1

1º Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

As disciplinas que ministro no Curso de Letras não são norteadas por nenhuma concepção de letramento digital.

2º Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

A internet é utilizada no Curso para facilitar a comunicação entre professor e alunos e como fonte de pesquisa dos alunos estagiários para planejamento das aulas que são ministradas nas escolas campo de estágio.

3º Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado?

Sim.

4º Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

() celular () facebook () whatsapp () e-mail () instagram () tablete () twitter
() Outros

O face e o whatsapp são utilizados com maior frequência, entretanto, sem o objetivo de letrar.

5º As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio Supervisionado?

Relativamente.

6º Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

() criação de jogos () produções textuais () resenha crítica
() exercícios gramaticais () cordel () história em quadrinhos
() plano de aula () comentários

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
CATOLÉ DO ROCHA - PARAÍBA**

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUPERVISORES DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS**

PROF. 2

1º Quais as concepções de letramento digital que norteiam a prática pedagógica do Curso de Letras? Descreva.

Ministrei as disciplinas de Metodologia, Pesquisa Aplicada, Prática Pedagógica II e Estágio Supervisionado III, mas nenhuma delas traz subsídios que norteie o professor para desenvolver certo nível de letramento digital (sejam quais forem as concepções), das turmas.

2º Descreva as implicações da internet no Estágio Supervisionado no Curso de Letras e analise-as.

Esse recurso é utilizado apenas para comunicação entre professor e alunos e como fonte de pesquisas pelos alunos. Acredito que essas pesquisas são realizadas para o desenvolvimento das aulas que são regidas no campo de estágio.

3º Utiliza a internet constantemente como ferramenta de apoio ao planejamento pedagógico do Estágio Supervisionado?

Sim.

4º Quais as ferramentas/redes sociais mais utilizadas na aplicação do letramento digital em sala de aula na escola campo de estágio?

() celular () facebook () whatsapp () e-mail () instagram () tablete () twitter
() Outros

Levando-se em consideração apenas o uso sem intenções de letrar acredita que o face e o watss são utilizados com maior frequências para manter o contato com os alunos.

5º As mudanças trazidas pelas novas tecnologias têm contribuído para o domínio da leitura e escrita digitais no Estágio Supervisionado?

Relativamente.

6º Quais as atividades mais desenvolvidas no Estágio Supervisionado para o domínio do letramento digital?

- () criação de jogos () produções textuais () resenha crítica
- () exercícios gramaticais () cordel () história em quadrinhos
- () plano de aula () comentários

ANEXOS



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA I	2016.2.4.3.9	2016.2

Ementa

Observação e estudo do processo ensino-aprendizagem. Análise do ensino da Língua Portuguesa e Literaturas não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço privilegiado para a formação do indivíduo em consonância com a educação ambiental. Avaliação das técnicas de planejamento, a relação professor/aluno e processos avaliativos. Contato com instituições que trabalham com a língua portuguesa, tais como jornais, gráficos, emissoras de rádio e televisão, dentre outros.

Objetivos

Adquirir conhecimentos globalizados, transformando-os e aplicando-os na práxis pedagógica. Conhecer a escola campo de estágio, na sua plenitude, dando importância a pesquisa como também a projetos com o objetivo de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Conteúdo programático

Estágio de observação: objetivos a serem alcançados; itens de observação; comportamento/situações; metodologias e recursos; observações nas escolas da rede de ensino público; elaboração de relatório pertinente ao estágio de observação

Metodologia

Pesquisa de campo; Elaboração de Projetos; Execução de projetos; Aulas expositivas; Debates; Discussão em Classe; Observação e Estudo do processo ensino-aprendizagem.

Avaliação

Serão avaliados todos os envolvidos no processo de aprender, levando em conta a participação quantitativa e qualitativa do estagiário.

Referências bibliográficas

Básica LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2010. PIMENTA, Selma Garrido. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2002. _____, Saberes pedagógicos e atividades docentes / textos de Edson Nascimento Campos [et al]. Selma Garrido Pimenta (organização) 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007. COMPLEMENTAR: ANTUNES, Celso. Professor e professores: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. BARREIRO, Iraide Marques de Freitas. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores, São Paulo: Avercamp, 2006. MEIRIEU, Philippe. Aprender... sim, mas como? 9ª edição, Porto Alegre: Artes Médica, 2010. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica, tradução: Cláudia Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sylvania Palmeira Gomes Alves
Secretária Geral



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA II	2016.2.4.4.6	2016.2

Ementa

Introdução ao desenvolvimento de trabalhos práticos dos estagiários em instituições que utilizam a Língua Portuguesa como mecanismo de comunicação ou informação. Estudo dos componentes do processo ensino-aprendizagem para a caracterização no início da ação docente em parceria com escolas públicas.

Objetivos

Conhecer a escola campo de estágio, na sua plenitude, dando importância ao mecanismo de comunicação ou informação com metas de melhorar a qualidade do processo de aprender. Adquirir conhecimentos globalizados, transformando-os e aplicando-os na práxis pedagógica.

Conteúdo programático

Estágio de coparticipação: desenvolvimento de trabalhos em conjunto com o profissional cooperador; Elaboração de plano de ensino-preenchimento de diários; Participação em aulas; Participação em atividades internas de ordem burocrática, tais como matrícula, relatórios, projeto político pedagógico; Participação em projetos de interesse social ou cultural em instituições que utilizam a Língua Portuguesa como veículo de comunicação que se utilizam de língua oral ou escrita.

Metodologia

Observações em escolas de parcerias; Planejamento; Participação do Projeto Político Pedagógico; Participação de Projeto; Debates; Discussões de temas de interesse social e cultural.

Avaliação

Serão avaliados todos os envolvidos no processo de aprender, levando em conta a participação quantitativa e qualitativa do estagiário.

Referências bibliográficas

Básica LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005. PIMENTA, Selma Garrido. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2002. _____, Saberes pedagógicos e atividades docentes / textos de Edson Nascimento Campos [et al]. Selma Garrido Pimenta (organização) 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007. ANTUNES, Celso. Professor e professores: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Complementar BARREIRO, Iraide Marques de Freitas. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores. São Paulo: Avercamp, 2006. MEIRIEU, Philippe. Aprender... sim, mas como? 7ª edição. Porto Alegre: Artes Médica, 1998. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica, tradução: Cláudia Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sylvania Palmeira Gomes Alves
Secretária Geral



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA III	2016.2.4.5.9	2016.2

Ementa

Realização das práticas docentes do estágio curricular supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura no ensino Fundamental para a conclusão das atividades pertinentes ao estágio. Reflexões acerca do que pode ser realizado em benefícios de um ensino aprendizagem produtivo na área de língua materna.

Objetivos

Sensibilizar os estagiários quanto à importância das observações das aulas no Ensino Médio para a sua prática pedagógica; Considerar qualitativamente o processo do estágio supervisionado no tocante às suas habilidades e competências, para promover a motivação e o incentivo aos discentes.

Conteúdo programático

Estágio de coparticipação: desenvolvimento de trabalhos em conjunto com o profissional cooperador; Elaboração de plano de ensino-preenchimento de diários; Participação em aulas; Participação em atividades internas de ordem burocrática, tais como matrícula, relatórios, projeto político pedagógico; Participação em projetos de interesse social ou cultural em instituições que utilizam a Língua Portuguesa como veículo de comunicação que se utilizam de língua oral ou escrita.

Metodologia

Observações em escolas de parcerias; Planejamento; Participação do Projeto Político Pedagógico; Participação de Projeto; Debates; Discussões de temas de interesse social e cultural.

Avaliação

Serão avaliados todos os envolvidos no processo de aprender, levando em conta a participação quantitativa e qualitativa do estagiário.

Referências bibliográficas

Básica LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005. PIMENTA, Selma Garrido. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2002. _____, Saberes pedagógicos e atividades docentes / textos de Edson Nascimento Campos [et al]. Selma Garrido Pimenta (organização) 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007. COMPLEMENTAR: ANTUNES, Celso. Professor e professores: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. BARREIRO, Iraide Marques de Freitas. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores. São Paulo: Avercamp, 2006. MEIRIEU, Philippe. Aprender... sim, mas como? 7 edição, Porto Alegre: Artes Médica, 1998. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica, tradução: Cláudia Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sylvania Palmeira Gomes Alves
Secretária Geral



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA IV	2016.2.4.6.7	2016.2

Ementa

Observações de regência de sala de aula no Ensino Médio de Literatura e Língua Portuguesa com base nos direitos humanos; planejamento das oficinas pedagógicas; procedimentos didáticos; sistema de avaliação; elaboração de relatório das atividades do Estágio Supervisionado.

Objetivos

Considerar o planejamento uma ferramenta necessária para o bom desempenho do docente frente ao processo ensino aprendizagem; Desenvolver habilidades e competências na regência das aulas no Ensino Médio.

Conteúdo programático

Planejamento e execução das oficinas pedagógicas, observação e planejamento de aulas práticas, estudo de fichas utilizadas durante o estágio supervisionado; elaboração de relatórios das atividades do estágio; apresentação e avaliação do estágio supervisionado.

Metodologia

Observações; regência em sala de aula; participação na proposta da escola; análise dos resultados do estágio supervisionado; construção do texto crítico e analítico dos resultados do estágio.

Avaliação

Serão avaliados todos os envolvidos no processo de aprender, levando em conta a participação quantitativa e qualitativa do estagiário.

Referências bibliográficas

BÁSICAS: LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação de aprendizagem escolar: estudo e proposições. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005. PIMENTA, Selma Garrido. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002. Saberes pedagógicos e atividades docentes. Textos de Edson Nascimento Campos[et al]. Selma Garrido(organização), 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007. COMPLEMENTAR: ANTUNES, Celso. Professor e "professauros": reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. BARREIRO, Iraide Marques de Freitas. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: Avercampo, 2006. MEIRIEV, Philippe. Aprender... sim, mas como? 7 edição, Porto Alegre: Arte Médica, 1998. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Tradução: Cláudio Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sylvania Palmeira Gomes Alves
Secretária Geral



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA I	2016.2.4.3.8	2016.2

Ementa

Planejamento, observação e estudo do processo ensino aprendizagem. Análise do ensino da Língua Inglesa e Literatura, não apenas como um meio de comunicação universal, mas como espaço de privilégio para a formação dos docentes. Avaliação das técnicas de planejamento, relação interpessoal educador/educando e processos avaliativos. Direitos humanos.

Objetivos

Adquirir conhecimentos globalizados, transformando-os e aplicando-os na práxis pedagógica; Reconhecer a importância da Língua Inglesa como uma disciplina que tem relação com a sua área específica de estudos, como também, quanto à linguagem acadêmica em geral, e na atuação do mercado de trabalho; Conhecer a escola campo de estágio com ênfase na pesquisa e execução de projetos, para a melhoria na qualidade de ensino; Compreender o conhecimento multidisciplinar de correntes teóricas aplicáveis a práxis pedagógica; Ampliar conhecimentos tanto com relação a sua área específica de estudos, quanto a linguagem acadêmica em geral; Desenvolver competências e habilidades de leitura e escrita em Língua Inglesa e Literatura, e o senso crítico em relação a contextualização; Instrumentalizar o futuro profissional em educação com teorias e práticas aplicáveis no contexto educacional vigente.

Conteúdo programático

Correntes teóricas que versem sobre princípios e características do processo ensino- aprendizagem importância do estágio supervisionado como fonte de conhecimento para o futuro profissional de Letras.. Estágio de observação: objetivos a serem alcançados. Análise do ensino da Língua Inglesa e Literatura, não apenas como um meio de comunicação universal, mas como espaço de privilégio para a formação dos docentes. Planejamento, observação e o estudo do processo ensino-aprendizagem. Comportamento/situações. Metodologias e recursos. Observações nas escolas campo. Avaliação das técnicas de planejamento, relação interpessoal educador/educando e processos avaliativos. Estágio curricular supervisionado de professores: propostas e possibilidades no espaço escolar. Relatório de estágio: sistematização, avaliação e redimensionamento.

Metodologia

Aulas expositivas interativas. Projeção de palestras. Pesquisa de campo. Elaboração de projetos. Execução de projetos. Debates. Estudo individual e em grupo. Diagnóstico da escola parceira. Observação e estudo do processo ensino-aprendizagem. Produção do Relatório Final de estágio.

Avaliação

Serão avaliadas as ações referentes ao Estágio Supervisionado, como também, a participação ativa do estagiário em suas atividades docentes. Serão realizados encontros, para aplicação de instrumentos de auto-avaliação, que permitam o feedback para análise e tomada de decisão, tendo em vista a melhoria do Estágio Supervisionado. Produção do relatório final de estágio.

Referências bibliográficas

Básica ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido.(Org.). Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2014. ABRAHÃO, Maria Helena Vieira.(Org.) Prática de ensino de língua estrangeira e reflexões. 18 ed. São Paulo: Pontes Editores, Arte Língua, 2010. BARREIRO, Iralde Marques de Freitas. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. 13 ed. São Paulo: Avercampo, 2011. BURIOLO, Marta Alice Feitin. Estágio supervisionado. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2012. Complementar PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011. Docência no ensino superior. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2010. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Trad. Cláudia Shelling. 16 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. TURRA, Glória Godoy. 19 ed. Planejamento e avaliação. 12 ed. Porto Alegre: EMMA, 2011.



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA II	2016.2.4.4.5	2016.2

Ementa

Desenvolvimento de trabalhos teórico-práticos dos estagiários nas instituições que usam a língua inglesa como meio de comunicação universal. Componentes do processo ensino-aprendizagem nas ações docentes, em parceria com as escolas da rede pública de ensino. Caracterização da escola parceira. Correntes teóricas que abordam à Educação Ambiental, Sócio Educacional e Diversidade.

Objetivos

Refletir sobre o caráter dinâmico da língua inglesa em seu processo contínuo de mudança e recriação; Envolver-se com o processo educativo, atualizando-se constantemente em sua área e afins; Buscar soluções para problemas surgidos, coerentes ao objeto de sua profissão; Perceber o aluno como um ser em formação, transmitindo-lhe os princípios fundamentais de cidadania e convivência social; Desenvolver uma atitude investigativa, que favoreça o processo contínuo de construção do conhecimento, com projetos que possam ser desenvolvidos na sua profissão de educador; Criar espaço para construção e reconstrução do conhecimento, na sua plenitude das escolas parceiras do estágio, ressignificando assim, o processo ensino-aprendizagem; Ter conhecimento global e multicultural com uma educação transformadora na práxis pedagógica.

Conteúdo programático

Reflexão de textos referentes ao estágio supervisionado. Aprofundamento da normatização do estágio supervisionado. Visita as escolas parceiras. Correntes teóricas que versam sobre o estágio supervisionado para formação do profissional em educação. Estágio de coparticipação em consonância com o profissional parceiro para ampliação de atividades em grupo. Orientação no processo ensino-aprendizagem de planos de ensino. Conhecimento no preenchimento dos diários de classe. Diagnóstico da escola parceira. Uso da linguagem oral e escrita como meio transformador de conhecimento. O estágio supervisionado como campo de conhecimento. Correntes teóricas que abordam à Educação Ambiental, Sócio Educacional e Diversidade. Aplicação do Projeto de Extensão: Letramento digital e estágio supervisionado: práticas interativas no contexto escolar.

Metodologia

Aulas expositivas e interativas, realização de pesquisa de campo, elaboração e execução de projetos, leitura e análise crítica de teorias pertinentes ao estágio supervisionado, observação, estudo do processo ensino-aprendizagem, docência, produção do relatório de estágio.

Avaliação

Contínua e processual, observando os aspectos quantitativos e qualitativos dos alunos. Alguns critérios a serem considerados: compromisso, desempenho nas atividades individuais e em grupo, produções e execuções de projetos, argumentação e respostas às situações apresentadas. Elaboração do relatório de estágio.

Referências bibliográficas

Básica LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2012. PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2012. _____ Docência no ensino superior. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2012. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Trad. Cláudia Shelling, Porto Alegre: Artmed, 2012. Complementar ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. (Org.) Prática de ensino de língua estrangeira e reflexões. 18 ed. São Paulo: Pontes Editores, Arte Língua, 2012. BURIOLLA, Marta Alice Felten. Estágio supervisionado, 8 ed. São Paulo: Cortez, 2013. PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento científico aos textos da escola à academia. 15 ed. São Paulo: Respel, LTDA, 2013. TURRA, Glória Maria Godoy. Planejamento e avaliação. 7 ed. Porto Alegre: EMMA, 2012.



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA III	2016.2.4.5.8	2016.2

Ementa

Observação e prática docente em Língua Inglesa e respectiva Literatura no Ensino Médio. Produção de texto analítico e crítico no relatório de estágio, de acordo com a teoria e prática vivenciadas na leitura de textos diversificados, no desenvolvimento do estágio supervisionado. Educação das relações étnico-raciais. Avaliação e produção do relatório de estágio.

Objetivos

Planejar atividades multidisciplinares para a melhoria do processo ensino-aprendizagem no estágio supervisionado; Elaborar materiais de trabalho como plano de aula, projetos e atividades direcionadas ao estágio supervisionado; Participar das atividades educativas, considerando a práxis pedagógica como instrumento de qualidade no processo ensino-aprendizagem; Refletir sobre o caráter dinâmico da Língua Inglesa em seu processo contínuo de mudança e recriação; Envolver-se com o processo educativo, atualizando-se constantemente em sua área e afins; Perceber o aluno como um ser em formação, transmitindo-lhe os princípios fundamentais de cidadania e convivência social; Desenvolver uma atitude investigativa que favoreça o processo contínuo de construção do conhecimento, como projetos que possam ser desenvolvidos na sua profissão de educador; Criar espaço para construção e reconstrução do conhecimento, na sua plenitude das escolas campo de estágio, como meio de comunicação universal, ressignificando assim, o processo ensino-aprendizagem; Ter conhecimento global e multicultural, com uma educação transformadora na práxis pedagógica.

Conteúdo programático

Reflexão de textos referentes ao estágio supervisionado. Normatização do estágio supervisionado. Visita e caracterização das escolas campo. Correntes teóricas que versam sobre o estágio supervisionado para formação do profissional de Letras. Estágio de coparticipação em consonância com o profissional parceiro para ampliação de atividades em grupo. Orientação no processo ensino-aprendizagem de planos de ensino. Conhecimento no preenchimento dos diários de classe. Uso da linguagem oral e escrita como meio transformador de conhecimento. O estágio supervisionado como campo de conhecimento. A vivência escolar do estágio em sua práxis pedagógica. Elaboração do plano de atuação docente para a regência no Ensino Médio. Apresentação do plano de ação do estágio as escolas parceiras, para evidenciar compromisso com as mesmas. Preparação do material a ser utilizado no processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. A importância da teoria e prática na atuação docente do Ensino Médio. Produção do relatório com textos críticos e analíticos, evidenciando o estágio supervisionado como atividade pré-profissional do curso de Letras.

Metodologia

Aulas expositivas e interativas, realização de pesquisa de campo, elaboração e execução de projetos, leitura e análise crítica de teorias pertinentes ao estágio supervisionado, observação, estudo do processo ensino-aprendizagem, docência, produção do relatório de estágio.

Avaliação

Contínua e processual, observando aspectos quantitativo e qualitativo dos discentes. Alguns critérios a serem considerados: compromisso, desempenho nas atividades individuais e em grupo, produções e execuções de projetos, argumentação e respostas às situações apresentadas. Produção de relatório.

Referências bibliográficas

Básica LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2012. PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2012. _____ Docência no ensino superior. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011. PERRENOUD, Phillippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. 13 ed. Trad. Cláudia Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2011. Complementar ABRAHÃO, Maria Helena Vieira(Org.). Prática de ensino de língua estrangeira e reflexões. 17 ed. São Paulo: Pontes Editores, Arte Língua, 2011. DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividades docentes. Textos de Edson Nascimento, Selma Garrido(Org.), 5 ed. São Paulo: Cortez, 2013. PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento científico aos textos da escola acadêmica. 13 ed. São Paulo: Respel, LTDA, 2013. TURRA, Glória Maria

Godoy, Planejamento e avaliação. 7 ed. Porto Alegre: EMMA, 2014.

Sylvania Palmeira Gomes Alves
Secretária Geral



FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS
Plano de Curso

Curso	Disciplina	Turma	Semestre
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA IV	2016.2.4.6.6	2016.2

Ementa

Observação de regência e prática docente em Língua Inglesa e respectiva Literatura no Ensino Médio, com base nos direitos humanos. Planejamento de aulas e oficinas pedagógicas no Ensino Médio. Procedimento didático. Sistemas de avaliação. Produção de texto analítico e crítico no relatório de estágio, de acordo com a teoria e prática vivenciadas na leitura de textos diversificados, no desenvolvimento do estágio curricular supervisionado.

Objetivos

Planejar atividades multidisciplinares para a melhoria do processo ensino aprendizagem, no estágio supervisionado; Elaborar materiais de trabalho como planos de aula, projetos, e atividades direcionadas ao estágio supervisionado; Participar das atividades educativas, considerando a práxis pedagógica como instrumento de qualidade no processo ensino aprendizagem; Refletir sobre o caráter dinâmico da língua inglesa em seu processo contínuo de mudança e recriação; Envolver-se com o processo educativo, procurando atualizar-se constantemente, em sua área e áreas afins; Buscar soluções para problemas surgidos, relativos ao objeto de sua profissão; Perceber o aluno como um ser em formação, transmitindo-lhe os princípios fundamentais de cidadania e convivência social; Desenvolver uma atitude investigativa que favoreça o processo contínuo de construção do conhecimento, com projetos que possam ser desenvolvidos na sua profissão de educador; Criar espaço para construção e reconstrução do conhecimento, na sua plenitude das escolas campo de estágio, como meio de comunicação universal, ressignificando assim, o processo ensino-aprendizagem; Desenvolver habilidades e competências na regência das aulas de Língua Inglesa e Literatura no Ensino Médio.

Conteúdo programático

Aprofundamento da normatização do estágio supervisionado. Visita às escolas campo de estágio. Estágio de coparticipação em consonância com o profissional parceiro, para ampliação de atividades em grupo. Correntes teóricas que versam sobre o estágio supervisionado, para formação do profissional em Letras. Orientação no processo ensino aprendizagem de planos de ensino. Conhecimento no preenchimento dos diários de classe. Uso da linguagem oral e escrita como meio transformador de conhecimento. O estágio supervisionado como campo de conhecimento. A vivência escolar do estágio em sua práxis pedagógica. Elaboração do plano de atuação docente para a regência no Ensino Médio. Apresentação do plano de ação do estágio às escolas parceiras, para evidenciar compromisso com as mesmas. Preparação do material a ser utilizado no processo ensino aprendizagem de Língua Inglesa. A importância da teoria e prática na atuação docente, no Ensino Médio. Planejamento e execução das oficinas pedagógicas. Observação e planejamento de aulas teóricas práticas. Estudo de fichas utilizadas no desenvolvimento do estágio supervisionado. Produção de relatório com textos críticos e analíticos, evidenciando o estágio supervisionado como atividades pré-profissional do curso de Letras.

Metodologia

Os conteúdos serão desenvolvidos com aulas expositivas interativas, realização de pesquisa de campo, elaboração e execução de projetos, leitura e análise crítica de temas pertinentes ao estágio supervisionado, observação; estudo do processo ensino-aprendizagem; docência; produção do relatório de estágio.

Avaliação

Contínua e processual, observando aspectos quantitativo e qualitativo dos participantes. Alguns critérios a serem considerados: compromisso, desempenho nas atividades individuais e em grupo, produções e execuções de projetos, argumentação e respostas às situações apresentadas. Elaboração de relatórios.

Referências bibliográficas

Básica ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. (Orgs.). Estágios supervisionados na formação docente. São Paulo: Cortez, 2014. LUCKESI, Cipriano Carlos, Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições, 19. ed. São Paulo: Cortez, 2013. PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2014. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. 16 ed. Trad. Cláudia Shelling. Porto Alegre: Artmed, 2014. Complementar ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. (Org.) Prática de ensino de língua estrangeira e reflexões. 12 ed. São Paulo: Pontes editores, Arte Língua, 2013. BURIOLLA, Marta Alice Felten. Estágio Supervisionado. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2013. DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.



CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CODIGO	COMPONENTE CURRICULAR		TURMA
611455	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I		04
TURNO	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	

PLANO DE CURSO

1 - Ementa

Vivência da realidade escolar e planejamento no Ensino Básico.

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

Compreender os principais aspectos relacionados ao exercício profissional no âmbito da prática docente através da observação do processo de ensino e aprendizagem no níveis de Ensino Fundamental e Médio.

2.2 - Objetivos Específicos

- Conhecer os fundamentos legais e técnicos do Estágio Supervisionado;
- Discutir os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio;
- Fundamentar a prática docente por meio de leituras específicas para embasamento de conhecimentos;
- Planejar atividades pertinentes à práxis;
- Ministrar micro aulas de Língua Portuguesa;
- Observar aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e no Ensino Médio;
- Observar a dinâmica da escola campo de estágio;
- Socializar os aspectos observados na escola campo de estágio;
- Elaborar relatório técnico-científico das atividades realizadas no Estágio Supervisionado.

3 - Unidades Temáticas

3.1 - 1ª Unidade Temática

- Aspectos gerais do Estágio Supervisionado;
- Vivência do profissional da educação no âmbito escolar e seu papel na sociedade;
- Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa;
- Revisão dos componentes do processo pedagógico: planejamento, plano de curso, plano de unidade e plano de aula.

3.2 - 2ª Unidade Temática

- Elaboração de material avaliativo para os conteúdos de gramática, produção textual e literatura;
- Plano de aula;
- Livros didáticos de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental);
- Observação das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental;
- Diretrizes para elaboração do Relatório técnico-científico;

4 - Procedimentos Metodológicos

- Aulas expositivas e dialogadas e exibição de filmes;
- Leitura, interpretação e produção de textos individual e em grupo;
- Estudos dirigidos e seminários; • Micro-aulas;
- Discussão/debates acerca dos textos lidos.

5 - Avaliação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS IV - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS

CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CODIGO	COMPONENTE CURRICULAR		TURMA
611455	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I		04
TURNO	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	

PLANO DE CURSO

Critérios - Domínio do conteúdo, desenvoltura na expressão oral e escrita da linguagem acadêmica;
 - Assiduidade, pontualidade e participação efetiva nos debates.

Instrumentos - Discussão das leituras de fundamentação teórica;

- Apresentação de seminários, painéis e realização de oficinas; - Trabalhos individuais e em grupo;
 - Leitura de textos e elaboração de relatórios.

Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. (org.) Língua portuguesa em debate: conhecimento é ensino. Petrópolis, 2000.

BASTOS, I. K. X. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas: Unicamp, 1995.

BATISTA, A. A. G. A. Gramática e o ensino de português. In: *Leitura Teórica e Prática*, n° 17. Junho de 1998.

COSTA VAL, Mª da Graça et al. Professor-leitor, aluno-autor: reflexão sobre avaliação do texto escrito. In: *Revista de Linguagem*, UFMG, VIII, ano III, out 1998.

FARIA, Maria Alice. O jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1989.

GALVES, C. e outros. (org.) O texto: escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1989.

GARCIA, E. C. A leitura na escola de 1º grau. São Paulo: Loyola, 1988.

GERALDI, L. W. (org.) O texto na sala de aula: leitura e produção. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. Pontos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL NETO, A. A produção de textos na escola. São Paulo: Loyola, 1988.

HUBNER, Regina Maria (org.) Quando o professor resolve... experiências no ensino de português. São Paulo: Loyola, 1998.

KAUFMAN, Ana Maria e RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARCHUSCHI, Luiz A. exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de língua?. In: *Revista de Linguagem*, UFMG, ano 16, n° 69, jan/mar. 1996.

MARRIE, Zuleika de F. (org.) O ensino de português: do primeiro grau à universidade. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAIS, Artur G. Definindo princípios norteadores para o ensino de ortografia. In: *Revista de Linguagem*, UFMG, ano 16, n° 69, pg. 61-76.

SERAFINI, Maria Tereza. Como escrever textos. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

SERCUNDES, Mª M. L. Ensinando a escrever. In: GERALDI, J.W. e CITELLI, B. (orgs.) *Como ensinar a escrever*. São Paulo: Cortez, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VALENTE, André (org.) Aulas de português: perspectivas inovadoras. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.



CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR		TURMA
611555	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II		05
TURN	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	

PLANO DE CURSO

1 - Ementa

Avaliação, elaboração e aplicação de material institucional didático no ensino fundamental. Planejamento, autoavaliação e avaliação proporcional do ensino-aprendizagem.

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

Proporcionar ao estudante do Curso de Letras condições favoráveis para o pleno exercício de suas prerrogativas legais e das atividades delas decorrentes, estabelecendo diálogos entre teoria e prática, em situações reais de trabalho com a língua portuguesa.

2.2 - Objetivos Específicos

- . Conhecer os fundamentos legais e técnicos do Estágio Supervisionado;
- . Discutir a ética profissional, sustentada na ação/reflexão/ação do aluno/estagiário;
- . Vivenciar as orientações do PCN para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental;
- . Fundamentar a prática docente por meio de leituras específicas para embasamento de conhecimento;
- . Planejar atividades pertinentes à práxis;
- . Reger a disciplina de Língua Portuguesa e escolas públicas de Catolé do Rocha e região;
- . Elaborar relatório técnico-científico das atividades realizadas durante o estágio supervisionado.

3 - Unidades Temáticas

3.1 - 1ª Unidade Temática

- . Aspectos legais do Estágio Supervisionado;
- . Compromisso e ética do profissional de educação;
- . Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – aprender e ensinar língua portuguesa na escola;
- . Revisão dos componentes do processo pedagógico: planejamento, plano de curso, plano de unidade e plano de aula;
- . Componentes dos planos: objetivo, conteúdo, recursos, metodologia, formas e critérios de avaliação, ponderação e recuperação;
- . Plano de estágio;
- . O ensino de língua portuguesa: aspectos teóricos;
- . Livro didático (ensino fundamental);
- . Orientação e elaboração de plano de aula.

3.2 - 2ª Unidade Temática

- . O texto como unidade de ensino: aspectos teóricos;
- . A especificidade do texto literário para o ensino fundamental;
- . Orientação e acompanhamento da regência nas escolas campos de estágio;
- . Orientação e elaboração do relatório de estágio supervisionado;
- . Socialização das experiências vivenciadas

4 - Procedimentos Metodológicos

UEPB

CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CODIGO	COMPONENTE CURRICULAR		TURMA
611555	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II		05
TURNO	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	

PLANO DE CURSO

didático-pedagógica, elaboração de relatório.

5 - Avaliação

A avaliação dar-se-á a partir da assiduidade e participação nas aulas, atividades de leitura, reflexão de textos diversos, elaboração de plano de aula, desempenho durante a regência nas escolas e a qualidade técnico-científico da elaboração do relatório de estágio.

6 - Referências Bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos de. (org.) *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BASTOS, I. K. X. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Unicamp, 1995.
- BATISTA, A. A. G. *A Gramática e o ensino de português*. In: *leitura Teórica e Prática*, n° 17. Junho/91.
- COSTA VAL, Mª da Graça et al. *Professor-leitor, aluno-autor: reflexão sobre avaliação do texto escolar*. Intermediário – caderno CEALE, UFMG, VIII, ano III, out 1998.
- FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1989.
- GALVES, C. e outros. (org.) *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- GARCIA, E. C. *A leitura na escola de 1º grau*. São Paulo: Loyola, 1988.
- GERALDI, L. W. (org.) *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIL NETO, A. *A produção de textos na escola*. São Paulo: Loyola, 1988.
- HUBNER, Regina Maria (org.) *Quando o professor resolve... experiências no ensino de português*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- KAUFMAN, Ana Maria e RODRIGUEZ, Maria helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MARCHUSCHI, Luiz A. *Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de língua? Em aberto*, Brasília, ano 16, n° 69, jan/mar. 1996.
- MARRIE, Zuleika de F. (org.) *O ensino de português: do primeiro grau à universidade*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MORAIS, Artur G. *Definindo princípios norteadores para o ensino de ortografia*. In: *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 1998, pg. 61-76.
- SERAFINI, Maria Tereza. *Como escrever textos*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- SERCUNDES, Mª M. L. *Ensinando a escrever*. In: GERALDI, J.W. e CITELLI, B. (orgs.) *Aprender e ensinar como textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VALENTE, André (org.) *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.



CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CODIGO	COMPONENTE CURRICULAR		TURMA
611652	ESTAGIO SUPERVISIONADO III		06
TURNO	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	

PLANO DE CURSO

1 - Ementa

Docência no Ensino Médio

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

Discutir a prática pedagógica docente, ao que se refere o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, no Ensino Médio, tendo como subsídio a regência de aula.

2.2 - Objetivos Específicos

- Avaliar as abordagens teóricas e práticas para o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura;
- Elaborar propostas que contemplem o ensino produtivo de língua e de literatura no contexto do Ensino Médio.

3 - Unidades Temáticas

3.1 - 1ª Unidade Temática

- Orientações Curriculares do Ensino Médio;
- *Ensino de Língua Portuguesa e Ensino de Literatura no Ensino Médio*;
- Reconhecimento do Campo de Estágio;

3.2 - 2ª Unidade Temática

- Orientação para a produção do artigo-relatório sobre as intervenções;
- Produção e apresentação do artigo-relatório.

4 - Procedimentos Metodológicos

Diálogos com base na teoria estudada;
Produção do artigo-relatório.

5 - Avaliação

Os instrumentos avaliativos serão pautados na execução das atividades de intervenção propostas e na produção do artigo-relatório

6 - Referências Bibliográficas

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: AVERCAMP, 2006.

BRASIL. Secretaria da educação básica. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB, 2004.

BRASIL. Secretaria de educação média e tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

PARAÍBA. Secretaria do Estado da educação e cultura. Coordenadoria do ensino médio. Referenciais curriculares para o ensino médio na Paraíba. João Pessoa: SEEC, 2006.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS IV - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS

CURSO(S)			
61 - LETRAS PORTUGUÊS			
CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR		
611652	ESTAGIO SUPERVISIONADO III		
TURNO	C.H.	PERÍODO	PROFESSOR
Diurno	105	20161	
TURMA			
06			

PLANO DE CURSO

ROJO, R. (org.) A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNS. São Paulo: EDUC; Campinas-SP: Mercado das Letras, 2003.

SILVA, Wagner Rodrigues; FAJARDO-TURBIN, Ana Emília (org.). Como fazer relatórios de estágio supervisionado: formação de professores nas licenciaturas. Brasília: Liber livro, 2012.